INFORMAÇÕES

Entrevista de Othon Leonardos (Projeto FGV/CPDOC-História Oral, 1985).

Digitalização realizada por Marina Ribeiro Romero, em 15 de setembro de 2023.

Formato: PDF; 300DPIs; em arquivos individuais agrupados ao final da digitalização.

Observações:

Algumas páginas estão com partes ilegíveis.

Trata-se de uma cópia dos originais que se encontram no CPDOC.

CITAÇÃO

A citação deve ser textual com indicação da fonte original:

LEONARDOS, Othon. Othon Leonardos (depoimento, 1976). Rio, FGV/CPDOC-História Oral, 1985. (História da Ciência – Convênio FINEP/CPDOC)

Mencionada a cópia:

Arquivos Históricos do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência/ Unicamp

CLE - Arquivo

ENTREVISTA COM OTHON LEONARDOS

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação.

Permitida a cópia xerox

A citação deve ser textual, com indicação de fonte.

LEONARDOS, OTHON. OTHON LEONARDOS (depoimento, 1976) Rio, FGV/CPDOC -História Oral, 1985 (História da Ciência -Convênio FINEP/CPDOC).

ENTREVISTADORES: SIMON SCHWARTZMAN

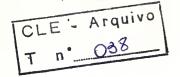
JOSÉ PELÚCIO FERREIRA

FORMANN

MARCIA BANDEIRA

ASPÁSIA CAMARGO

UNICAMP ARQUIVO CLE



la. ENTREVISTA - 13/10/76

O.L. -

Era uma geração de adultos e eu era o único garoto. Eu sempre vivi no meio de velhos. Não sei porquê. É sempre comum uma geração conviver com mais velhos. Por exemplo, eu convivi com Teixeira Scares, que me chamava de neto, com Paulo de Frontin, com Capistramo de Abreu, com toda essa turma velha mesmo. Eu era muito pouco precoce, em certo sentido e muito maduro pelo meio em que eu vivia, o que era um contraste. Meus pais tinham muitas relações e eu tinha dois tios que tinham uma loja de porcela nas na rua do Ouvidor, onde hoje é aquele prédio de ótica.

S.S. - Lutz Ferrando ...

O.L. -

Eles tinham lá um grupo de cadeiras para o pessoal todo, porque a rua do Ouvidor era o Brasil todo. Todo sujeito do Brasil que passava no Rio ia para a Rua do Ouvidor. Um desses que estava sentado todo dia lá era o Rui Barbosa, de maneira que atrás do Rui vinha todo mundo. Então, eu assistia aquelas coisas todas, por exemplo, o Rui contando o discurso que ele ia fazer no dia seguinte em cima do Pinheiro Machado. Muitas vezes, para escrever pegava lá um papel da Casa Leonardos. Eu tenho ums autógrafos de alguns deles.

J.P. - Casa Leonardos, é essa casa...?

Mulher de OL.- Essa hoje é de um empregado. Tanto que o Thomas Leonardo.

dos não deixou ele botar Leonardos. Tirou o s , Leonardo.

S.S. - Então, o lado que nos interessa em primeiro lugar, mais de perto, é a parte que tem a ver com a Geologia como ciência, como área de estudo, como área de pesquisa no Brasil, que a gente sabe que está ligado à tradição da Politécnica.

O.L. - Então você gostaria que eu falasse rápido ou que desse uma explicação ? Porque a gente entendendo é muito fácil pra mim, não entendendo ficam coisas só assim, sem sentido...

S.S. - Certo.

Então, vamos começar do começo. O Brasil, todo o mundo O.L. sabe, foi colonizado por português. Pelo menos a diz isso, né ? O português estava mais ou menos na Idade da Pedra. Não é preconceito, porque o continente peu separa-se do continente africano pelos Pirineus, geo logicamente falando. Então, Portugal faz parte da Afri ca, claramente faz parte da África, e quem tem dúvida bre isso vê que um dos maiores geólogos do fim do século XVIII e começo do século XIX era José Bonifácio de An drada e Silva que estudou em Portugal, foi tudo em tugal. O que ele diz do portugues como ciência, como tudo, é insuspeito porque ele era au toridade. De maneira que não é ... Então, eu passei

ses últimos vinte anos de minha vida escrevendo sobre a história das geociências no Brasil. Só publiquei dois vo lumes, mas tenho arquivos inteiros sobre isso. Lá você en contra de tudo, menos de Portugal. O que é que nós aceitamos como vindo de Portugal? Praticamente zero, não é Formann? Eu, achando que isso era um absurdo, quando fizemos um simpósio sobre Manto Superior na Academia de Ciências, convidei um português, o Cutelo Novo, que naque la ocasião era considerado um dos melhores e acebou sen do aí Prospector da Universidade de Coimbra. Pois bem , foi o único de todos os que vieram para o congresso que não escreveu uma linha para publicar. De forma que nós forçamos por tudo, por tudo ...

- F. Escrevendo a gente se compromete, Dr. Othon ...
- O.L. Não, eu digo, isso aqui é uma transcrição para entender.

 Então, a nossa cultura científica foi essencialmente estrangeira, do português.
- S.S. Agora, a Escola Politécnica, entretanto, tem uma tradição mais nossa, não é?
- O.L. Agora é o seguinte, o Brasil foi colônia, no sentido mais duro, até a chegada de D.João VI, não há menor dúvida .

 No tempo da Dona Maria, a Louca, era proibido fábrica , proibido tudo no Brasil, de maneira que não se podia ter escolas superiores, nada, nada, nem as coisas práticas ,

nem teares. Em compensação, Portugal recebeu muito trangeiro. Primeiro, ele era um aliado da Inglaterra, quele tratado de 1711, de Methuen, foi decisico para Por tugal. O inglês absorveu o que pôde de Portugal, a ūltima gota de sangue, parasitou o que foi possível, mas deu em troca a civilização e, sobretudo, aconselhou. Por exemplo, em Portugal, todo o exército, toda a parta cul tural, tudo era estrangeiro, alemaes, italianos, etc. C inglês tirando a mão, a mão sozinha não ficava na nistração. Só na guerra peninsular que os ingleses ram extremamente hábeis, né? Basta lembrar que o Comar. dante das tropas portuguesas, Arthur Welesley, venceu Na poleão. Napoleão começou a ser derrotado em Portugal pe lo Sir Arthur Welesley, que depois foi o ...

J.P. - Wellington ?

O.L. -

Wellington, Duke of Wellington. Engraçado que, como se estudava a história muito mal, acham que são dois, Weles ley um e Wellington outro. Os ingleses aconselharam Por tugal a contratar o Conde de Chambourlibick, que era um dos maiores generais da Europa, foi General da Prússia. Esse Duque de Chambourlibick criou um exército com todo pessoal estrangeiro, mas de primeira classe. Muitos deles vieram para o Brasil, vários engenheiros-militares. Então, na parte inicial do Brasil, todos os engenheiros importantes eram engenheiros-militares e grande número deles franceses, italianos, etc. E também alguns portugueses. Todos esses batalhões têm nomes aí desse primeiros comandantes. Por exemplo, o Magesi foi um dos que veio. Os alemães, então, criaram o exército brasileiro.

...

- S.S. Isso foi quando mais ou menos ? 1950 ?
- O.L. 1880 e ...
- S.S. Não, quando encaixotaram as pedras ?
- O.L. O Museu era iniciado na Casa dos Pássaros, onde é hoje
 o Arquivo Nacional, lá na Praça da República.Depois ele
 foi ... Muito modernamente é que foi para a Quinta da
 Boa Vista.
- F. Mas o encaixotamento que ele fala foi quando saiu do an dar térreo da Escola de Engenharia.

O.L. -

Não, isso aqui é uma posição pessoal. Então, a coleção brasileira de tamanho valor era a da Escola æ Engenharia, que era ótima. Era a coleção de D.Pedro II mais a coleção do Tem uma série deles, Isso é pa ra monstrar que nós estamos aqui na Idade da Pedra. En tão, os primeiros professores, todos de Geologia, sairam da Academia Militar e foram alunos de Awaye, O mais portante deles foi o Guilherme Schur, filho do bibliote cário e secretário da Imperatriz Leopoldina, que foi um engenheiro famoso, foi que criou os telégrafos, fez uma expedição à Amazonia, etc. Foi professor durante muitos anos e teve alguns trabalhos notáveis. Por exemplo, contestou o trabalho de Agassiz. Agassiz era o glaciólogo do mindo. Era suiço. Louis Agassiz verificou que as geleiras dos Alpes estariam ligadas, no pretérito, com as geleiras do Circulo Polar. Com a fenômeno da Gla ciação Quaternária, os gelos caminharam e foram até OS Alpes. Então, em todo sopé dos Alpes, na Alemanha, se en contram aqueles blocos erráticos que é a prova de que houve uma glaciação e houve depois um degelo. Ele foi pois para os EEUU, contratado pelo Museu de Anatomia Com parada da Universidade de Harvard. D. Pedro II que adora va as ciências, embora não fosse cientista, era um curioso, convidou o Agassiz para vir ao Brasil.O Agas siz chegou aqui, foi nas furnas da Tijuca e ficou impres sionado com o mesmo fenômeno, descrito por ele proprio,

que era encontrar blocos redondos e várias rochas de gra nito, daquele granito preto que ainda ha, no meio de uma argila vermelha. O característico da deglaciação são os blocos erráticos e os blocos dentro do barro. Porque o seguinte: se no mar as ondas batem na praia os blocos ficam longe. As areias ficam na praia os blocos longe. As areias ficam na praia e a lama fica no fundo do mar. Então há seleção. Nos rios há uma seleção menor, mas, em todo o caso, ainda se encontram os blocos dos no rio encachoeirado. Na galciação, o gelo derrete e deposita isso tudo, o grosso e o fino. Então, a ça de uma rocha fina e dos blocos, que os franceses mam de argile-bloco, é característica da glaciação. no Brasil é totalmente diferente, não obedece às leis eu ropeias, não obedece à filosofia europeia, não ce a nada. Aqui acontecia exatamente o oposto. Em clima tropical úmido, dá-se a decomposição muito intensa da rocha. A decomposição vai de fora para dentro, a rocha se quebra, o cascalho, etc... Então o bloco cúbico quebrando as arestas, depois há a indidência em três ces, depois o ângulo das arestas... Agora, o Barão de Capanema - o Guilherme Schur era o Barão de Capanema observou isso e então desmentiu o Agassiz. Retrucou ,fez uma conferência famosa sobre decomposição dos penedos do Brasil, na Escola de Engenharia, e contradisse por pleto o Agassiz. Foi o choque no mundo inteiro porque nin quém aceitava. Como é que era possível que um brasileiri nho daquele, embora filho de austriacos, pudesse contes

tar o famoso Agassiz. O Agassiz resolveu, quando veio pa ra o Brasil, trazer vários cientistas, do quais um deles era um jovem de 25 anos, professor na Universidade Cornell, em Ithaca, Estados Unidos, Charles Hartt. Essa é que foi, verdadeiramente, a criação da Es cola de Geologia do Brasil. O Capanema foi levado para... Ele fez os telégrafos no Brasil todo. Foi um trabalho no tabilístico, mas abandonou a Geologia. O Hartt fez, por conta propria depois, varias excursões no Brasil. A pri meira vez que veio foi em 1865 e veio depois, a vez, na Expedição Tayer trazendo um companheiro muito jovem, que era Orville Adalbert Derby. Esse era americamo, o Hartt era canadense, da nova Escócia. Então, a pe dido do Tayer, ele fez um livro sobre a Geografia e Geologia do Brasil, "Geografia Física e Geologia do Bra sil", em 1870. É um livro grosso assim. É um livro que está atualizado quase até hoje. É um livro realmente ge nial para um sujeito que esteve tão pouco tempo e tão sem recursos. Pois bem, esse Hartt propôs a criação ďa Comissão Geográfica e Geológica do Império. Essa grande comissão geográfica e geológica tinha seis pessoas, mas , dois ou três anos depois, o Governo achou que era muito dispendioso e acabou com essa Comissão. Foi aquele famo so Senador, Ministro do Império, da família Lins, Cansa ção do Sinimbú. Então, Hartt abandonou tudo, mas **conse** quiu depois que a coleção deles fosse para o Museu. tinha mais ou menos assim uns 30 ou 40 trabalhos, relato rios por escrito, para publicar e tinha parece que 20.000 amostras. uma coisa dessa ordem.

74

F. - Museu Nacional ?

O.L. - Museu Nacional. Essa coleção também foi toda posta fora pela Dona Heloisa Torres. Ela está viva. Quem quiser per guntar a ela pode perguntar. É incrivel o terremoto que aquela mulherzinha causou no Museu Nacional. O pessoal não acredita.

S.S. - Isso foi em 1950, mais ou menos, quando ela mandou pintar o Museu, não foi isso ?

- Foi no tempo do Getúlio.

mann ?

S.S. - Por ai.

O.L.

O.L. - Foram muitos terremotos, mas esse foi o pior. O Museu es tava sobretudo abandonado. Havia positivistas que não a creditavam naquelas coisas todas, por exemplo, o Teixeira Nendes, mas foi uma casa que deu homens notáveis como o Arthur Neiva, o Roquette Pinto, que também foi um sujeito fantástico, o Brumo Lobo e os antigos, muito antigos, muito bons também, Batista Lacerda, etc. e tal. O Schur era filho de pai e mãe austríacos, mas em todo caso já era brasileiro. o Hartt era canadense e morreu com 35 anos de febre amarela. Ai que começa a incidir a doença. O Derby ficou no Brasil, trabalhou 40 anos, naturalizou-se brasileiro; foi provavelmente o maior geólogo que o Brasil já teve em todos os tempos, você não acha. For

- F. Tem dois trabalhos do Derby melhores do que os trabalhos feitos ...
- O.L. Ele trabalhou em todos os setores. Morreu em 1915 mais ou menos, né ?
- S.S. Ele trabalhou onde ?
- O.L. Ele trabalhou primeiro no Museu. De 1871, mais ou me nos ...
- F. Depois foi a Comissão Geológica.
- Pois é, o Ministro João Alfreco consultou o Derby que o O.L. aconselhou a criar a Comissão. Ele, primeiramente, governador de São Paulo e então criou a Comissão Geográ fica e Geológica de São Paulo, que foi muito também. Ao mesmo tempo, ele tomava conta do Museu. Fez as duas coisas, porque era aquele bloco do "eu sozinho", né? De noite era uma coisa, de dia era outra. Com uma econo mia tremenda conseguiu coisas notáveis, realmente no taveis, mas no Museu ele foi perseguido por um daqueles diretores. Inclusive, denunciaram que ele tinha amostras do Museu para museus estrangeiros, porque sabe, todo Museu troca as amostras. O princípio da ciên cia é trocar. Que adianta você classificar um bichinho se não serve de modelo para os outros ? Então o sujeito tem o tipo, o genótipo, tudo isso, transfere os protóti

pos ... Depois, no serviço geológico, ele criou várias seções. No tempo do governo do Bezerra, ele foi muito maltratado porque não quis começar a publicar aqueles...

Não são os boletinhs. Como é que chama? Monografias .

Não quis publicar a monografia de Clarke sobre os fos séis denuviamos no sul do Brasil, trabalho notabilíssimo, ele tinha mandado fazer as pranchas na Austria, essa coi sa toda. Ah! Bom, woltando à pergunta atrás, quando mu dou o Ministério, no tempo do Hartt, ele quis procurar o Ministro, mas o Ministro se recusou a recebê-lo. Você vê como o ambiente é hostil à ciência. E não é só culpa do português não, é a tradição.

- S.S. O tipo de coisa que ele buscava pesquisar quem decidia ?

 Ele decidia por ele mesmo ou atendia a alguma solicita

 ção ? Por parte de Hartt e mais tarde por parte de Der

 by ?
- O.L. Primeiro ele fez uma expedição. A razão foi estudar o glacial. Então, estudou glaciação no Rio de Janeiro e encontrou até o Amazonas.
- S.S. Isso era uma razão estritamente científica?
- O.L. Houve expedições anteriores, mas era muito pouco o contato. Todos eram alemães, franceses, ingleses, etc ...
- S.S. Sim, certo ...

- O.L. Alguns deles, por exemplo, o Conde de Castelneau, ele rodou todo o interior do Brasil. O Martius cortou daqui a té o Amazonas, foi tremendo.
- S.S. O Derby continuou a mesma tradição de explorador?
- O.L. A mesma tradição.
- F. O objetivo era conhecer a Geologia de fazer o mapeamento geológico do Brasil.
- J.P. Não com fins econômicos.
- 0.L. Mas sempre o econômico era considerado como ...
- F. Um subproduto.
- O.L. Um subproduto, mesmo porque o mineral só tem valor quam do tem estrada. Qualquer mineral sem estrada o valor de le é zero, quer dizer, se o senhor investe qualquer coi sa, por pequeno que seja, no fim de 25 anos os juros comeram tudo. Então, a mina selvagem tinha que ser explora da dentro de um prazo de 25 anos. Por exemplo, eu me recordo de um grande engenheiro de minas francês, Pierre Henry, que veio aqui ao Brasil convidado pelo Ministro Betim Pais Leme para ver as jazidas de ferro de Minas Ge

rais. Em que ano foi isso ? 30 e muitos. Eu corri com e le aquelas serras todas de Minas Cerais. Quando acabou, a conclusão dele : "Le valeur c'est zero". Fez aqueles calculos, mostrou que o frete era muito mais al to do que o valor do minério no porto. Então, valeur ze w. Achava que era inútil. O relatório dele foi 100% ne gativo. Primeiro, porque francês sempre é pessimista. Só vale o francês. Depois, porque não havia possibilidade. As estradas no Brasil não funcionavam, porque sempre da política ... Conto sempre um caso que vivi : o Lineo Machado era um senador famoso, um mamador mendo, ele botou que todos os empregados da Centrala fos sem funcionarios públicos. Então, tomou impossível fun cionar. Eu me recordo quando o General Mendonça Lima e ra Diretor da Central , a Rede constatou uma quantidade tremenda de roubo na estação Pedro II. Pegaram uns sujei tos lá em flagrante, foram lá para cima e ele demitiu . Foi obrigado a recebê-los de novo e passar por isso.Quer dizer, não só o diretor da Central, como o General não tinha direito de demitir, de maneira que não podia cionar. Eu me recordo dessa Trajano de Azevedo Antunes, ele começou a trabalhar em mineração, com cobre, nês, etc... e exportar pela Central do Brasil. uma mesa redonda, um congresso de geólogos promovidos pe lo Centro Moraes Rego, em São Paulo. Eu me recordo tinha uma discussão sobre exportação de minério pela Cen tral, etc. Quem presidia a mesa era aquele que foi Minis

tro da Aviação, esqueci o nome dele. Eu era o coordena dor dos debates. O Antunes uma hora lá disse assim: "Eu peço desculpas ao Ministro da Aviação por ter que usar palavras técnicas. A Central do Brasil não é uma insti tuição idônea. Chama-se idônea uma pessoa que faz um contrato, assina um contrato e cumpre o contrato.A Cen tral do Brasil assina todos os contratos e não cumpre nenhum contrato". O negócio foi dito e o Ministro que concordar que era verdade. O Brasil mudou tão rápido que a gente se esqueceu dessas coisas e ainda diz que é muito ruim, mas era muito pior e num tempo relativamente recente.

- S.S. Vamos voltar um pouco ao Derby. Houve continuidade do trabalho dele, ele formou gente que depois continuou trabalhando ou foi um trabalho que quando ele ...?
- O.L. Escuta, essa pergunta foi pertinente, mas eu vou responder com uma negativa. Ele praticamente não formou gente porque não havia gente capaz de se aproveitar.
- J.P. Mas ele não lecionava na Universidade?
- O.L. Não, meu filho, até ontem era proibido alguém que traba lhasse lecionar. Nas sem blague, eu não estou com brinca deira não. Era absolutamente proibido. Essa tradição fi cou de tal ordem que, no tempo do nosso amigo Getúlio ,

ele fez aquela lei de desacumulação em 1937. Quando a lei pegou, quem trabalhasse num setor científico ou técnico podia trabalhar no mesmo setor numa instituição permanente. Então, o sujeito que fazia Astronomia no Observatório Nacional, podia lecionar Astronomia, porque se ele não fosse lecionar Astronomia, quem poderia lecionar? Não é possível, é absolutamente impossível. Então, quando hou ve a desacumulação, praticamente todos os professores bons da Escola de Engenharia e de todas as outras abandoram essas instituições.

- S.S. Isso aconteceu no Museu também, né ? No Museu Nacional ?
- O.L. Em todos eles.
- F. Dr.Othon, eles estão fazendo um estudo aí sobre Ouro Preto. Não era interessante o senhor lembrar aquela evolução de Escola Militar e Escola Politécnica, Escola de Minas de Ouro Preto, aquela história?
- O.L. Tinha até falado com os senhores que era aniversário do centenário da Escola de Minas de Ouro Preto .
- s.s. Pois é.
- O.L. A idéia de criar uma Escola de Minas no Brasil era muito antiga, o sonho de uma porção deles, inclusive de José

Bonifácio quando estava ainda em Portugal, quer antes mesmo da Independência. Tanto se insistia, que D. Pedro II aceitou e resolveu criar uma Escola de Minas. Então, resolveu convidar, eu não sei indicado por quem, eu já me esqueci quem foi, um geólogo francês , Henry Cor ceix, um geólogo famoso, que estava trabalhando tado pelo Governo da Grécia. Ele aceitou e, em 1876, veio fundar a Escola de Minas. Mas antes disso, voltando, mo o Formann pediu, a Academia Militar, depois da Inde pendencia, passou a se chamar Escola Central. Nessa Esco la Central formava-se ... Primeiro, essa Academia Mili tar formava todos os engenheiros militares, inclusive os navais, depois é que se separou, deu a Academia Naval A Escola Central continuou a formar os vários cursos mas sendo todos militarizados. Então, até 1874, quando foi criada a Escola Politécnica pelo Visconde do Rio Branco, todos os engenheiros eram militares. Esse, Barao de Capanema, era militar. Em 1874 foram criados va rios cursos de bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas; o curso de bacharel em Ciências Físicas e Naturais; curso de Engenheiro de Minas; o curso de Engenheiro Ir. dustrial; o curso de Engenheiro Civil. Então, o primeiro curso de Engenharia de Minas no Brasil foi criado, no Rio de Janeiro, pelo Visconde do Rio Branco, em 1874. Aqueles cursos, inicialmente, parece que tinham quatro anos so, por exemplo, Engenharia Civil era uma disciplina, cadeira, mas tinha poucos alunos. O primeiro engenheiro de

C

Minas a trabalhar, formado no Brasil, chamava-se Timó teo da Costa. Tem uma rua com esse nome no Leblon, mas eu não sei se é to Timóteo da Costa por causa desse pro fessor Timóteo da Costa ou se é por causa do pintor Timó teo da Costa, provavelmente por causa do pintor. Eu fui aluno do Timóteo da Costa. Eu o conheci já muito velho e como sempre eu gostava de velhos - gostava de merina moça, mas homem velho. Dois anos depois, Paulo de Frontin, quem mais

- S.S. Uma pessoa como o Timóteo da Costa, como é que ele se formou, onde é que ele aprendeu isso ?
- Bom, a Escola tinha a cadeira de Química e Geologia des O.L. de 1810, né? Alguns deles foram alunos do Awaye na Fran ça, outros traduziram... Agora, ela tinha essa dificul dade daquele sistema de trazer muito pouco elemento fora. No Exército trouxeram, quer dizer , o nosso Exér cito e o Exército português. Então, no exército guês todos os valores eram realmente estrangeiros. Ainda na Independência, toda a Marinha Brasileira era inglē sa: O Marquês de Maranhão, o Cochrane, esses todos nomes inglêses ai, Greenhalgh, Taylor. Taylor aquele famoso tenente que foi de Niterói até Portugal. No demamente é que todo mundo estrançeiro tem lepra, né Eu faço aqueles meus exageros, para dar aula, para car, porque quando choca causa mais impacto.

- S.S. Agora, quer dizer que havia uma influência principalren te francesa naquela época na Politécnica ?
- O.L. Na minha geração, 90% dos nossos livros eram franceses.
- S.S. Havia professores também franceses ou não ? Ou só os livros ?
- O.L. Alguns franceses.
- J.P. E os professores brasileiros estudaram na Europa, naquela época ?
- O.L. Rarissimos, rarissimos.
- J.P. Quer dizer que não havia este fluxo de brasileiros ?
- O.L. Não havia nada não. Alguns fizeram viagens, como o Carlos Sampaio, mas muito poucos e não era para estudar. Tivemos aqui, como professor de Química, dois ou três alemães, como professor de Física, um francês Serandon, professor de Física Industrial e um que era filho de francês, Henrique Morisé, que foi diretor do Observatório National e fundador da Academia Brasileira de Ciências. Foi meu professor, era ótimo. Mas o resto, vou te contar .

 Tinha um professor de Física Industrial que era filho de uma artista aí, Rose Beilliod que era muito inteligente, 100% cínico e outras coisas que eu não posso contar.

- F. Os primeiros engenheiros de minas foram formados, então, por professores brasileiros.
- O.L. Agora, quando D.Pedro II criou a Escola de Minas de Curo

 Preto, os alunos de Minas do Rio de Janeiro foram para

 Ouro Preto, porque lá davam bolsas e aqui não davam.
- S.S. Então, digamos , hā um deslocamento para Minas Gerais nessa época ?
- O.L. É, por isso, porque davam bolsas. Por exemplo, Francisco de Paula Oliveira, que foi o primeiro engenheiro de Mi nas formados em Ouro Preto, já tinha se formado como engenheiro geógrafo e transferiu-se para Ouro to porque era de uma família pobre e lá tinha bolsa. Esse Francisco de Paula Oliveira foi um engenheiro de bastante conhecido, participou dessas comissões; o fi lho dele foi diretor do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, Eusébio Paulo de Oliveira; os netos dele ram professores da Escola de Ceologia, do Departamento da Produção Mineral, quer dizer, foram três gerações de geó logos, alguns no Rio de Janeiro. Agora, o curso do de Janeiro foi um fracasso por completo, porque terminou em 89 e nesse prazo todo formou Quantas pessoas? Eu não me recordo, mas foi um número pequeno, ums 10 12, una coisa dessa ordem. A Escola de Minas de Ouro Pre to também formava assim duas, três pessoas por ano só .

- F. Foram professores daqui do Rio, nessa época , para Ouro
 Preto ?
- O Rio de Jameiro era um centro nato, liberal, então todo O.L. mundo, todos os alunos, no fundo, eram verdadeiros leques, nunca ninguém ligou para escola. Está entendendo? Por exemplo, esse curso de Minas do Rio de Janeiro, 74, fez um século há dois anos passados e ninguém tomou conhecimento. Agora, esse centenário da Escola de Minas de Ouro Preto é uma consagração; estão lá parece que todos os engenheiros de minas do mundo que estavam es palhados pela América, foram para Escola de Minas, trans feridos para lá, essa coisa toda. Sempre eles criaram uma mistica, então cada um deles se considera sempre bom e de fato ótimos, como Calógeras, Pires do Rio, Costa Senna, que foi o segundo diretor da Escola, o Djal ma Guimarães, o Arrojado Lisboa, mas aqui no Rio o nego cio cresce por milhares .
- S.S. Inclusive a escola se esvaziou com professores se trans ferindo para Ouro Preto também ? Os professores daqui foram dar aula lá ?
- O.L. Não. Não.
- S.S. Então, além de Gorceix, quem dava aula em Ouro Preto?

- O.L. A Escola de Minas foi fundada em Ouro Preto porque Gorceix rodou toda a região mineira e verificou que, de todas as cidades, a mais vantajosa era Ouro Preto porque era um centro, era capital de Minas, tinha condições me lhores para brigar.
- S.S. Mas quem dava aula lá, além dele?
- O.L. Cada um dava três ou quatro disciplinas. Tinha o professor Paul Ferrand que era muito bom. Os outros foram fracos. Depois foram vindo mais outros, mas em todo caso era um grupo pequeno. O Corceix era uma figura fenomenal. Ele ia buscar o aluno em casa se não ia à aula. Ia mesmo. Dedicou-se de corpo e alma. Publicou uns trabalhos notáveis, criou os Anais da Escola de Minas de Ouro Preto, que foram notáveis.
- J.P. Ele esteve em atividade até que ano, professor Corceix?
- O.L. Muito pouco, eu tenho provavelmente essa data... Foi de 76 a 89, quando houve a proclamação da República.Ele e ra muito amigo do Imperador e não podia admitir que se abandonasse o que se chamava de sábio, abandonasse comple tamente a tradição. Ele foi muito perseguido, ele era um tradicionalista perseguido pelos Republicanos, não só em Ouro Preto, mas no Brasil inteiro. Nas mudanças da

República, houve uma perseguição tremenda a todos os valores que tinham apoiado o Império. Embora, na realidade, o Imperador fosse mais democrático do que qualquer outro desses republicanos. No Rio Grande do Sul, então, foi chocante também.

J.P. - Agora, ele regressou à Europa ?

Ele regressou muito sentido. Depois, quiseram redimir-se O.L. desse erro e o convidaram para organizar umas exposições agricolas la em ... mas ele sentiu-se tão desambientado por la que foi embora muito triste. A Branca Osório de Al meida, irmã do Miguel e do Álvaro Osório de Almeida, tava escrevendo a biografia do Gorœix, mas ficou muito chocante e ela não quis publicar, depois morreu. Acora tem uma pessoa escrevendo a biografia dela e quer publi car. Levou lá para Escola de Minas de Ouro Preto mas pessoal está com dúvida se publica ou não publica. Eu não recordo o nome da pessoa, acho que é de São Paulo coisa assim. Agora, a ação de Ouro Preto foi muito gran de, com todos os vícios que ela tem, apenas ela desvirtu ou neste sentido.

- J.P. Agora, com a saída do Gorceix em 1889, a Escola sofreu um colapso?
- O.L. Não, porque teve um substituto dele brasileiro muito bom,

José Candido da Costa Senna. Perguntei ao Djalma Guima rães porque que ele seguiu a carreira de Geologia, que foi um dos melhores homens que nos tivemos, ele disse! foi o entusiasmo das aulas do Costa Senna, o conhecimento o Costa Senna". Ele esteve tuberculoso, perdeu um pulmão inteiro, vivia à custa de arsênico. Quando eu ia lá, ele fazia umas excursões para me mostrar aquelas minas ali por perto, dava cinco passos e parava para contar uma a nedota, para não mostrar que estava cansado. Um sujeito fantástico. Tinha uns trabalhos importantes, visitou a exposição de Milão, Vitorino, Chile, aquelas coisas to das.

- S.S. Agora, o nível do trabalho que se fazia cientificamente era igual ao que se fazia na França na época ?
- O.L. Não, o Gorceix é fora de série. Quer dizer, o Derby, o Hartt, o Gorceix são fora de série. Deviam ser o melhor padrão internacional.
- s.s. 0 melhor padrão internacional ?
- O.L. O Derby era certamente o melhor padrão internacional.
- J.P. O Costa Senna já se aproximava desse nível ?
- 0.L. Não, mas em compensação tinha o entusiasmo. Não tinha vivência menhuma.

- A.C. O Sr. disse que a Escola formava dois ou três alunos por ano. Era uma política deliberada ? Não havia interesse ? Por que um número tão pequeno ?
- O.L. O sujeito nasce naturalista, botânico, etc... O geólogo é mais difícil, porque não basta nascer geólogo. Ele não poder ser geólogo se não nascer geólogo, mas a instrução é muito difícil, porque se ele não pode trazer..... É Abraão que vai à montanha, né ?
- S.S. Maomé à montanha.
- O.L. Maomé à montanha. Não se pode trazer a montanha para es tudar. Por exemplo, eu estudei Geologia porque todo meu tostãozinho eu juntava o ano inteiro e ia fazer um via gem. Pedia dinheiro emprestado a toda minha família e depois ia pagando aos poucos, senão não era possível.
- S.S. O Sr. podia nos contar um pouco mais como é que o Sr. estudou Geologia, porque é que o Sr. resolveu e
- O.L. Deixa eu voltar ao que estava falando, senão não me re cordo. Depois aconteceu o seguinte, houve um erro também filosófico na Escola de Minas. Para se trabalhar numa mi na, é preciso que se conheça a jazida, ninguém investe di nheiro no que é inteiramente lotérico. Então o primeiro a programa....

FINAL DA FITA 1 - A

O.L. -

Mas como era muito pequena, muito anti-econômica, aquelas coisas todas - não anti-econômica porque ela fazia o pre ço, porque nos tinhamos uma barreira alfandegária muito grande - houve uma fase em que um dos diretores-presiden tes da Belgo Mineira, que se chamava Edson Charlet, luxem burguês - todos eles são luxemburgueses, todos muito bonspropôs fazer uma usina numa região que fosse mais favorá vel .Ficou escolhendo a área para botar a usina.Então escolheu a primeira esplanada la no Vale do Rio Doce no rio Piracicaba, que coincidia com o lugar da pequena usina do João de Monlevade, João de Molevade era um ence nheiro formado na França, filho de um francês, que veio para o Brasil. Também era notável, foi o primeiro que es tudou as jazidas de ferro de Minas Cerais com alguns dos seus descendentes, aquele Francisco Pais Leme de Monle vade que foi Presidente da Paulista. Projetaram aquilo tudo e passamos assim a não sair. Quando eu quis falar com ele, num desses congressos aí de metais, ele pergun tou: "quem é que disse que não saiu usina?" Porque eu e ra assistente de Geologia e Metalurgia na Escola de En genharia e todo fim de ano eu levava a turma para visitar essas usinas, cada vez uma. Nos fomos visitar a Suderur gica, todas as seções, o pessoal todo era muito amável, nos ofereciam almoço, aquelas coisas todas. Nos mineiros, como sempre, ficavamos ali e então faziamos todas las perguntas indiscretas. Sempre na minha vida usei is so e funcionou, porque não era de má-fe, realmente

vontade de entender o Brasil. E ele me disse: "Simplesmen te porque não tem estrada de ferro". A primeira perqunta é essa : "Você passa e não há". Eu vim para o Rio corren do, fui procurar o Mendonça Lima que era muito amigo do meu pai, muito meu amigo também, que era engenheiro mili tar e contei a ele tudo o que acontecia. Então ele disse "Vamos resolver esse problema". Em dois tempo se progra mou o negócio todo, se fez aqueles cálculos todos mostrar a viabilidade e Mendonça Lima programou a linha de Sabará. A linha até Santa Bárbara, até o entroncamen to com Eu não me lembro agora, onde é hoje. Então, logo que Mendonça Lima garantiu, eles ram o projeto adiante, construiram e, assim que a linha foi inaugurado, estava funcionando a Usina que foi real mente escola, que é uma das maiores do mundo em vegetal.

- J.P. É a maior de todas.
- O.L. Então, ela conseguia Dizem que é a maior, mas eu sempre fico em dúvida, no Brasil tudo é grande.
- J.P. É a maior mesmo, porque
- O.L. Ela começou destruindo a floresta. A floresta do Vale

 do Rio Doce é uma das florestas mais fortes do mundo ,

 mais, de um modo geral, que a própria floresta amazônica.

Na floresta amazônica, ás árvores não têm o mesmo desenvolvimento que têm na floresta do Vale do Rio Doce. Isso foi dito pela maior autoridade florestal dos Estados Unidos quando viajou na Amazônia e depois no Vale do Rio Doce. Mas voltando, aqui no Rio de Janeiro, Metalurgia e ra ensinada por um professor, filho de franceses, chamado Ferdinando Laboriau. Foi o sujeito mais talentoso que eu conheci na minha vida. Morreu com 33 anos no desas tre do avião Santos Dumont.

- S.S. Aquele famoso desastre ?
- O.L. Ele era filho de um relojoeiro, Paul Laboriau, que tinha aquela relojoaria Laboriau, que representava o Patek Phillip no Brasil. A religião dele era consertar relógio. Esse rapaz era genial. Na ocasião que ele fez concurso, as cadeiras eram ligadas, de forma que ele fez concurso para três cadeiras: Botânica e Zoologia Industriais, Mineralogia e Geologia e Metalurgia.
- J.P. Esse Labouriau botânico?
- O.L. É filho dele.
- J.P. Considerado um grande
 - O.L. Muito bom, mas não é muito equilibrado, porque a mão de

le era equilibrada. A mãe dele é Gouveia, é irmã daquele médico famoso, filha do Hilário de Gouveia, irmã daquele outro Jorge Gouveia, que também era um médido famoso pro lessor da Faculdade de Medicina.

- F. Dr.Othon, porque é que não houve qualquer intercâmbio en tre o Hartt, o Derby
- O.L. Formann, você quer falar mais alto que eu estou ficando surdo.
- F. Não, eu estou dizendo porque é que não houve nenhum in tercâmbio entre o Derby, Hartt, o pessoal daqui, com Cu ro Preto ?
- O.L. O Gorceix tinha muita amizade com o Derby.
- F. Como?
- O.L. O Derby tinha muita amizade com o Gorceix. Tinha um respeito e uma admiração muito grande.
- F. Mas os esforços não se somaram?
- O.L. Não cabia ainda, está entendendo ? Estavam todos incipientes. Eles não disseram nada um ao outro porque o Gorceix estava fazendo levantamento de minas, mas trocavam amostras, as idéias todas, eles se escreviam muito .

S.S. - Nesse acidente de aviação, onde morreu o Laboriau, morreu também o Amoroso Costa, não foi ?

0.L. -

Engraçado, vai aproveitando que eu estou vivo, eu estou no fim, uma porção de coisas. Esse era o grupinho da Es cola de Engenharia. Era um grupo de 10 que se para salvar a Escola de Engenharia. Era o Laboriau, o Rui Lima e Silva, o Amoroso Costa, o Lino Sá Pereira, o Alva ro da Silveira, acho que o Francisco Lessa. Então o boriau, as campanhas que ele tinha eram as sequintes: Si derurgia como Indústria de base, que ela é que faz as ou tras todas; Educação e Transportes. Nos fomos fundadores da Associação Brasileira de Educação, o Heitor Lyra, que foi também um sujeito excepcional, foi a alma.O Laboriau quis fazer esse programa na Aviação. "Vamos aproveitar que Santos Dumont é brasileiro e dizer que através Aviação é que se pode fazer transporte. Não era possível fazer transportes ferroviário. O Rodoviário estava muito incipiente. O transporte rodoviário eficiente foi depois do Getúlio, é de ontem. Estrada de Ferro não tinha. Você ve, agora para construir uma estrada de ferro, com recur sos modernos e maquinaria, iniciando em Belo Horizonte, para Volta Redonda, nos não temos dinheiro no Brasil. É uma das grandes crises agora, porque essa estrada de fer ro, que é indispensável como infra-estrutura, não é viá vel por causa dos preços. Imagina naquela epoca. Uma es

trada de ferro, qualquer uma, demorava 50 anos para cons truir meia dúzia de linhas. Os Estados Unidos surgiu quando aquela estrada de ferro cruzava em vários parale los, de leste a oeste, totalmente. Isto quando? Enquanto ficava o Brasil e a Argentina, fazendo uma guerrinha com o Paraguai. Não se pode caçoar da Guerra do Paraguai, por que os Estados Unidos agora, no Vietnam, fizeram a mesma coisa. O império contra os guaranis descalços. Então, nes sa ocasiao, quis atravessar os Apalacies. Cortaram aque la planície, era só botar o trilho, ir para frente e ir fundando as fazendas, aquelas coisas lá. A mesma fez o Canada, quando construiu uma estrada. Baseado nisso é que o Farguhar queria fazer , no Brasil, primeira a li gação norte-sul com a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Gran de. Na Siderurgia, quando o Farquhar quis propor isso, Mi nas Gerais inteiro se revoltou contra essa estrada. Per guntou qual era a razão ? Era a seguinte: era inveja, o negócio é que se você tem dois cachorrinhos na rua, você faz festa num, o outro fica para morrer, né ? Então, Mi nas nunca pode admitir que pudessem fazer uma Usina Side rúrgica no Espírito Santo . Primeiro Faquhar propos zer uma estrada de ferro sem falar em Siderurgia. Então disseram : "Ah : tem que fazer a Siderurgia". Ele "Tá, então vamos fazer a Siderurgia. Qual é o programa?" Jáo próprio velho Monlevade, pai do João Molenvade e o Tenente Câmara diziam: "A saída da Siderurgia do Vale do Rio Doce tem que ser pelo Rio Doce ". É a unica saida na

tural, física, do centro de Minas, porque a outra que subir a Mantiqueira descer no Paraíba, subir de novo a Serra do Mar, descer para aqui. Tanto na ida quanto na vinda, era montanha russa. Naquela época não tinha faci lidade de ligação por isso. Então, houve um combate tal e quem liderou esse combate maior chamava-se Clodomi ro de Oliveira, diretor da Escola de Minas de Ouro to. Quer dizer, eu tenho preconceito contra a Escola de Minas de Ouro Preto, mas eu me recordo que uma fui a praia Vermelha, no Serviço Geológico e Mineralógi co do Brasil, estava la com o Gonzaga de Campos - elemen tos bons formados por Ouro Preto - e quando eu saí disse assim: "Oh , Professor Clodomiro, eu estou sem carro ho je, mas eu vou para cidade . Vou tomar um táxi, o não quer vir comigo ?" Disse ele: "Eu ? Tomar táxi ? xi não é elemento de vida, é elemento de morte. Eu, quan do fui Secretário em Minas, não admiti que se construis se um Km de estrada de rodagem ". Esse que era o mentor do Presidente Arthur da Silva Bernardes e foi Bernardes que impediu que se criasse a Siderurgia pelo Faguhar. Tal vez até tenha sido melhor, porque depois veio com outras circunstâncias, veio com a guerra. O Brasil entrou guerra com os niqueizinhos americanos. Para o Brasil não entrar com os alemaes, o Roosevelt teve que fazer um em préstimo ao Brasil de cem milhões de dolares. Não dizer muito não, não é?

Uma siderurgica hoje são dois bilhões de dolares.

J.P.

S.S. - Quer dizer, nessa época, se eu estou entendenco bem, ha via um grupo na Politécnica, aqui no Rio, que tinha todo um projeto, e havia uma oposição entre esse grupo e o grupo da Escola de Minas ?

O.L. - Não!

S.S. - Não era isso?

O.L. - Não. O pessoal gritava contra a tacanhez, mas gritava contra Minas ou contra qualquer outro, contra o do Rio também, filho. Não era a escola. O que havia, uma rivalidade de escola, era co Rio com a do Wenceslau Brás, como é que é?

J.P. - Itajubá.

O.L. - Itajubá. Porque quando a escola Como é que foi ?

Quando a Escola de Engenharia foi visitar Itajubá, ou Itajubá visitou aqui o Rio, o Frontin fez qualquer discurso que afetou lá o Tinha lá um que era manda-chuva de Itajubá, diretor da Escola de Minas de Itajubá.Como era o nome dele ?

J.P. - O Wenceslau Brás ?

O.L. - Não era o Wenceslau não. Era um outro famoso lá. Então f

zeram uma hostilidade. A escola não podia visitar uma a outra. Uma bobagem, completamente sem sentido, né? Mas com Ouro Preto não, tanto que eu levava a turma todos os anos a Ouro Preto. Agora eles têm muitos ciúmes.

S.S. - Eu queria que o Sr. dissesse algo mais sobre esse grupo de dez e o que que eles fizeram na Politécnica.

Bom, o Derby primeiro teve uma atuação muito grande O.L. fa zendo o levantamento geológico de São Paulo. Ele contra tou o Eugenio Hussak. Esse Eugenio Hussak era um triaco que veio para o Brasil em condições muito interes santes : um paulista que tinha fazenda no limite de São Paulo com Minas, com Poços de Caldas, João Antonio Macha do, foi estudar, na Europa, Engenharia. Ele gostou da Geologia e foi aluno do Hussak, não na Austria, na Alemanha, numa cidade que eu não me recordo o nome . Ele quis fazer doutoramento, colecionou umas amostras e foi estudar junto com o Hussak. Fez uma tese, a primeira tese brasileira escrita em alemão, muito boa a fotogra fia, o primeiro trabalho bom de fotografia no Brasil. Pri meiro, último e único. Ele convidou o Hussak pra vir pa ra o Brasil, para ficar na sua fazenda. Quando ele veio para o Brasil, com uma carta, chega lá na fazenda o rapaz o abandonou, fez aquilo tudo, não sabia, não deixou da. Ele ficou sem ter para onde ir e sem um tostão. E<u>.</u>. tão, procurou o Derby e o Derby empregou. Primeiro o Der by levou lá para o Imperador e conseguiu que fossem da das umas aulas lá para o principe. Como é esse principe que tem o trabalho sobre? Esse principe que era cientista aí? Pedro de Orleans e Bragança. Depois morreu louco, esse principe . Publicou uns trabalhos sobre geo logia.

- M.B. Cuidado com os geólogos, heim?
- O.L. Esse principe era muito amigo do meu pai. Tem um principe ai, eu não me recordo o nome, que tinha um ne gócio, um defeito no braco, que toda conferência que fazia, ele assistia. É o pai do D.Pedro de Orleans e Bra gança. Adoravam todos ciência, mas como divertimento por que era elegante. É como nos tempos do Imperador. os concursos no Colegio Pedro II, o Imperador ia assis tir. Ele e toda a corte. Era muito benéfico, está ou vindo ? Se se fizer um concurso aqui na Escola Nacional de Engenharia, não se consegue nem que um continuo 1á vá assistir. Mas então era prestígio. Esse ambiente que a Europa trouxe, nós perdemos sem pegar o resto.
- S.S. O Sr. conheceu o Otto de Alencar ? Não ? Era anterior ?
- O.L. Não, esse não conheci. Esse foi um gênio, mas não deixou quase nada publicado. Agora, conheci o Amoroso Costa. Esse nosso grupinho costumava jantar Tinha uma reu

nião na Associação Brasileira de Educação, depois combinávamos de jantar. Jantávamos no Clube dos rantes que era em cima do Cinema Odeon, lá na Cinelan dia. O Laboriau tinha pedido para fazer essa propaganda toda de aviação. Ele era muito amigo do Assis Châteaubri and, colaborava muito em jornal e queria fazer uma home nagem ao Santos Dumont. O Santos Dumont vinha da Europa, então condor que nos emprestasse um avião ra levar o pessoal até o navio, fazer uma rodada e wl tar para o Rio de Janeiro. A Condor emprestou um aeropla no chamado Santos Dumont. Ele foi fora da barra, circun dou e voltou. No meio da baía, fez uma curva muito fecha da, perdeu a sintonização e caiu. Esse grupinho que para lá era eu; o Laboriau, que foi quem inventou negócio todo; o Tobias Moscoso, que foi diretor da Esco la de Engenharia, que era um sujeito talentoso a valer , foi um dos principais do grupo dos dez; aquele médido per nambucano; um engenheiro militar também famoso aí Serviço Geográfico Militar; um aluno do último ano de En genharia, Coutinho, que era um sujeito excepcional e Paulo Castro Maia, irmão desse Raimundo Castro Maia. Paulo Castro Maia foi o melhor aluno da Escola de nharia por vários anos, equivale ao Mário Simonsen, esta ouvindo ? Mas quando discutimos la pela meia-noite, vespera do voo, que seria às sete horas da manha, o Amo roso Costa disse que nunca tinha voado e que tinha vonta de de voar. Eu disse: "Vai, Amoroso. Eu vivo voando, por que que você não vai ?". Eu vivia wando pelo sequinte : eu era peru em todo avião que sondava, porque ia Geologia. Eu vivia no Campo dos Afonsos pedindo para me levar, a vida inteira. Depois com o brigadeiro Comes e o Casemiro Montenegro, que criaram o Servico do Correio Aéreo, toda vez que tinha uma vaga no avião, eles me telefonavam. Eu nem perguntava para onde é que era, porque você não podia fazer Geologia sem ver de cima. Ho je tem fotografia aérea, tem tudo, Quer dizer, trabalháva mos nas condições mais adversas, em tudo. Primeiro na Escola de Engenharia era tempo parcial, a única fase de tempo integral foi depois, em 37. Não tínhamos recur so nenhum de laboratório. O microscópio que eu trabalhei para estudar, para fazer concurso para Petrografia Produção Mineral, é quase que pré-histórico, precisava a té guardar aquilo num Museu. As lâminas tinham uma gros sura Elas devem ter dois centésimos de mm e tinham mais ou menos cinco, mais ou menos meio mm a um mm. Tanto que todas aquelas cores você não vê. Eu descambo toda ho ra para fora do assunto. Então, eu dei o lugar para o A moroso e ele foi voar. Chegou de manhão, fui para lá es perar o voo de volta quando ouvi todo mundo no cais di zer que tinha caido um avião. Então eu perdi nesse aci dente todos os meus amigos. Fiquei desnorteado. Eu o mais moço de todos, muito mais novo do que os outros .

- O.L. Foi em 1929.
- S.S. Quantas pessoas estavam no avião ? Umas cinco pessoas ?
- J.P. Não, mais.
- O.L. Não, uma dúzia pelo menos.
- S.S. A consequência deve ter sido muito séria para escola também, não ?
- O.L. Praticamente acabou com todo o pessoal básico. O Tobias Moscoso, que era o diretor, era um sujeito de um brilhantismo fantástico. Foi essa turma toda que criou os cursos de extensão universitária, que fez e propaganda para criar o Ministério da Educação, as Faculdades de Filosofia.
- J.P. A Escola estava vinculada a que organismo naquela época?
- Naquela época ? Eram escolas isoladas, Escolas Politéc nica do Rio de Janeiro, mas depois criaram a Universidade de de do Rio de Janeiro, que depois passou a Universidade de Brasil. Mas eram escolas completamente isoladas, tinha U niversidade só de apelido. Eu costumava fazer molecada, costumava pegar na escola todos os professores conhecidos e perguntava : vai dar dez nomes de cada escola. Não

havia um que dissesse dez nomes de outra escola.Chamavase isso de Universidade . Porque, no começo, a Sociedade Brasileira de Educação era agressiva, tinha umas confe rências

- A.C. Em que ano foi fundada a Sociedade Brasileira de Educação ?
- O.L. Foi comemorado no ano passado 50 anos. Então, 25.
- A.C. o Sr. saiu da Politécnica em
- O.L. 19. Fim de 19. Eu me formei com 20 anos. Era considerado muito burro, porque não conseguia acompanhar aquele pessoal. Besteira se formar cedo, né?
- A.C. O Sr. saiu da Politécnica e ficou vinculado à escola de alguma maneira ? Ficou ligado ao curso ?
- O.L. Eu me formei em 19 e fui trabalhar no Serviço Geológico e

 Mineralógico. Eu fui, quando o Gonzaga de Campos teve um

 projeto de transpor o rio São Francisco para o rio.....

 Aquele do Ceará, como é o nome ?
- J.P. Jaguaribe?
- O.L. Jaguaribe. Então fomos estudar a possibilidade de jogar esse rio. Fomos fazer um levantamento desde Sobradinho

lá os limites com o Ceará. Mas ficamos todos doentes, pegamos febre palustre, maligna, eu peguei duas de uma vez, estive desenganado. Minha mãe foi me buscar lá, eu esta va um esqueleto, não me reconheceu. Se tem que morrer, vamos lá fora ". Botou-me num trem e só com a mudança de ar eu recuperei. Fui para aquele hotel de tuberculoso, como é o nome? Não estava inaugurado ainda, eu passei lá 12 dias, engordei 10 kg.

- s.s. Um kg por dia.
- O.L. Um kg por dia. Se não foi exatamente assim, foi parecido.

 Mas como a doença infecciosa acaba com o sujeito. Depois acabaram-se as doenças infecciosas e o Brasil então explodiu.
- J.P. Professor, esse Serviço Mineralógico era ligado ao Minis tério da Agricultura ?
- O.L. Agricultura.
- J.P. Ai o Sr. foi fazer essa viagem ao Ceará....
- O.L. Naquele tempo..... Foi o embrião do Departamento de <u>A</u>
 guas e Energia. Foi criada a Seção de Forças Hidráulicas
 e depois criado o Departamento . A minha turminha era eu,
 o Antônio José de Sousa, que foi direto geral de...., o

Ademar Ferreira de Carvalho, que foi também diretor. varios outros. Mas aquilo era uma miséria, até as arvores tremiam. Em Sobradinho, onde estão fazendo essa barragem hoje, não havia uma pessoa que chegasse aos anos. A parte estreita desse rio tem 800m de largura. 10m do barranco é deserto. Cai a chuva, depois vai embo ra. Eu me recordo de chegar às vezes num lugar lá, numa cabana qualquer e pedir comida. O sujeito não tinha da. "Quero uma galinha". "Não tenho"." Bom, então um bocadinho d'agua". "Também não tenho". Mas não é, tórica não, isso é geral. Muitas vezes tinha que uma poça de lama verde, chegava todo sujo, de cavalo fazia o cavalo pegar assim a pata para fazer um nho de para beber aquilo coaco num lenço sujo , porque sede não é brincadeira não. Fome a gente passa u ma semana sem comer, mas sede não passa não. Essa era a Ceologia que nós fazíamos e a turma tinha um entusiasmo tremendo. Não era um não, éramos todos nos e isso até dias mais ou menos recentes. Por exemplo, em 1938 eu fiz em linha reta, de São Paulo a Belém do Pará. De São Pau lo até o fim da linha da Estrada de Ferro de Goiás era de trem, depois de caminhão até onde podia ir, São José do Tocantins, depois construí uma canoa lá e desci Tocantins, demorei seis meses. Nessa ccasião, 38, quer di zer está perto, o Governo de Goiás se comunicava com norte de Goiás duas vezes por ano. Eu vi esse Brasil cres œr. Agora, o que travou o Brasil de fato foram as coen ças tropicais : Malária, febre amarela, desinteria, essas coisas todas.

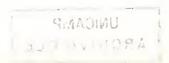
- M.B. O geólogo ter que ser louco mesmo, né?
- O.L. Mas dá um estusiasmo. Não, que a gente fala com a terra, a gente vive que nem boi para palácio. Depois é uma ciên cia global que pega todas as outras em conjunto.
- s.s. Agora, o senhor e essas pessoas se formaram aqui no Brasil ?
- O.L. Não, eu estudei aqui no Rio.
- s.s. E nunca saiu para estudar fora?
- O.L. Curso regular não. Eu rodei o mundo inteiro, a vida inteira. Depois, não passava aqui um sujeito que soubesse qualquer coisa que não fosse na Associação Brasileira de Educação, no Museu Nacional e no Serviço Geológico. Eu tinha contado com todos esses indivíduos.
- J.P. O Sr. trabalhou no Museu Nacional?
- O.L. Trabalhei.
- F. Dépois o Sr. se recuperou e voltou para escola, não foi ?
- O.L. Mas la eu trabalhei muitos anos. O Leinz também estevelá e o trabalho dele foi todo perdião.

F - Dr. Othon, quando o Sr. se recuperou da malária, o sr. woltou para escola ?

Quando eu recuperei da malária, o Conzaga de Campo disse: O.L. "Fica lá um mês, depois se precisar fica mais outro mês. O que você quiser." Eu fiquei lá 20 dias. "Eu já recuperado da malária e agora quero ver se volto para o Serviço Geológico, porque aquela coleção fica lá naquela esbudegação." Eu quis consertar a coleção .Nesse o Gonzaga de Campos estava muito mal, foi para Poços Caldas. Estava na direção interina o Belmiro de Ferraz. Quando eu chequei aqui e falei com ele que nha abandonado o projeto, ele disse: "Não , você tem que voltar hoje lá para o São Francisco". Eu disse: "Então muito obrigado e fique aí com a sua..." Tinha eu que ir e o Djalma do outro lado. Então, nós requeremos curso para vaga do Ferraz. Entramos no concurso nos dois. Eu entrei para Petrografia, porque não conseguia fazer Geologia, e o Djalma ja estava em Petrografia, era petro grafo interino. Ele tinha cada microscopio que era beleza, aquilo bonito, mas assim mesmo tivemos uma dife rença de pontos de centésimos. Na época, eu disse: "Você é muito melhor do que eu". Tenho um parente que ficou ad mirado porque não entrei para Geologia. Não fiz o concur so para Geologia no qual entrou o Martinho Alonso,πas eu adorava e adoro até hoje Geologia.



- F. Dr. Othon, comp é que foi aquela história que o Sr. es tava estudando para Petrografia, olhava uma lâmina no início, depois tentava identificar as coisas?
- O.L. Eu não tive lâminas. Tive no livro só. No concurso eu vi as primeiras lâminas. Nós decorávamos as lâminas. Tínha mos um professor alemão muito bom. Hoje o pessoal tem to das as facilidades possíveis. Forma-se quantidade, mas não temos mais qualidade. Estamos com 3000 geólogos. Sai em esse ano 3000 geólogos formados por nossos cursos.
- J.P. Tem mais.
- A.C. Seu interesse pela Geologia apareceu durante o curso da Politécnica ou ?
- O.L. Não sei, porque o meu interesse foi o seguinte :meu pai tinha uma coleção de minerais muito grande, mas muito grande mesmo. O meu pai era extremamente inteligente , mas não quis fazer curso superior. Ele vivia inventando coisas, acabou no comércio, mas sempre querendo coisa de cultura, nada que seja prosáico. A parte comercial era um fracasso completo. Fazia tudo antecipadamente. Fez um negocio grande na Avenida Rio Branco, mas num lado que... A Avenida Rio Branco só funcionava do lado da esta ção de bonde, do outro lado batia sol, ninguém ia, né ?



Por exemplo, ele foi buscar cristal de rocha lá em Cris talina, Goiás, em 1896 ou 7, foi antes de eu nascer. Tra zia tudo em burros. Os burros nunca chegaram aqui, ele morava em Guarujá, nunca chegaram e o cristal de rocha fez enriquecer centenas de pessoas. Então durante a querra, aqueles alemaes. Eu tinha a casa de meus avos lá em Niterói. Meu avô veio para o Brasil como Cônsul da Grécia e casou-se com uma inglesa, filha de um inglês que veio para o Brasil em 1840 montar os correiros ingle ses, e por outro lado ela era de descendência portuguesa, de uma família Corte Real, aquela família que descobriuo Canadá. Eu herdei todo o lado inglês e meus irmãos herda ram o lado grego. Eu tenho olhos claros e sou muito bes ta. O mais engraçado é que minha natureza e minha manei ra de pensar são opostos. Vivo em conflito comigo mesmo, porque eu sou irreverente como um grego, mas a minha ir reverência é porque eu acho que o sujeito pode corrigir os erros. Não acreditar em utopia, mas entre utopia o laissez-faire ha uma grande margem para

- s.s. O Sr. falou logo no começo de nossa conversa sobre o Positivismo e eu fiquei com isso na cabeça.
- O.L. Escuta, meu filho, deixa eu dizer, em primeiro lugar, eu não tenho religião nenhuma, então não tenho preconceito.
- J.P. Porque o Ben-David perguntou, fez uma indagação

- S.S. É muito curioso, porque esse Professor Ben-David, a primeira coisa que ele perguntou a nós quando chegou aqui no Brasil foi o seguinte: "Eu sei que o Brasil é o único país do mundo onde o Positivismo teve importância e que que é isso ?" Nós não soubemos responder muito bem.
- O.L. A turma passou da época, caiu muito depressa.
- S.S. Mas na Politécnica foi muito importante, não ?
- Eu ainda peguei uma geração em que o Positivismo era sa O.L. grado. Eu fiquei sempre na dúvida se eu é que errado. Eu achava tudo muito quadrado. Mas não, o primeiro professor de Matemática, num curso amexo à cola, era um positivista daqueles enrage. Tudo era gos to do Benjamim Constant, na Escola de Engenharia também. Uma ocasião eu perguntei ao Amoroso Costa, se todos aqueles que fizeram a Repúlica, aqueles oficiais, eram to dos positivistas. Mas não era um não, eram todos. Então perguntei ao Amoroso Costa qual foi, no seu modo de pen sar, a atuação do Positivismo no Exército. "Foi o mais ne fasto possível, só faltaram acabar com o Brasil por estado de espírito e de realidade". Quer dizer, o último 'positivista que eu tenho mais contato ... Quando projetada a mudança da capital, teve aquela comissão de estudo da nova capital, antes do Juscelino.

Não é o Horta Barbosa ?

O.L. - Não, esse também, esse era do Conselho do Petróleo. Era dos mais fortes.

A.C. - Foi em 30 e poucos, não?

É, 30 e poucos. Eu não me recordo o nome dele.É um gene O.L. ral que foi nomeado pelo Getúlio para projetar a nova ca pital. Eu fui almoçar com ele no Jockey Club, porque Ceneral Lorena era aposentado. Eu ri juro, da explicação dele que era a seguinte: "Temos que montar a no divisor de águas de todos os rios". Essa era a ideia antiga, de 1894, depois da comissão do Cruls. Então, mos fazer o sequinte: "botamos um quartel de Infantaria, aqui um quartel de Cavalaria um quartel de Engenharia la". Esse é que era o plano da cidade. Sem blague. Se eu der a palavra de honra você não acredita no que estou fa lando. Foi o general, quer dizer, a idéia dele era essa. De maneira que o Juscelino, tudo que ele puder bem desse, é num grau assim, o Juscelino tinha uma intui ção tremenda. Vocês estão bebendo, eu não posso beber.

- F. Eu não, eu estou mantendo o copo para ele não rachar.
- O.L. Mas todos os que eu tive contato eram muito bons. Eles e ram todos completamente aéreos. Um dos últimos, que eu briguei também, era o Eugenio Drummond da Rosa que projetou a Cidade na Ilha. O capítulo dele era o mais utó pico possível. Eu tinha estudado muito esse problema da Universidade.

J.P. - Ele foi do Conselho do petróleo?

O.L. - Esse foi o outro, foi o general Júlio Caetano.Em 1929 ,
houve um convite ao Brasil daquela Fundação Internacional
in of Education, da Carnagie, então uns poucos
fomos lá nos EEUU e visitamos todas as Universidades na
parte Leste. Umas 20 e tantas. Mas jantando com os reito
res e discutindo os problemas todos, visitando todas as
escolas e tudo isso, de maneira que eu tive uma idéia da
Universidade muito real.

- S.S. Essa era uma missão com que objetivo ?
- O.L. Comp é ?
- S.S. Qual era o objetivo dessa viagem ? Era conhecer o siste ma universitário americano ?
- O.L. É.
- s.s. E com que intenção?
- O.L. De se aplicar aqui no Brasil.
- S.S. Mas isso era uma coisa que o governo brasileiro estava interessado?
- O.L. Não.

- J.P. Foi da Fundação?
- O.L. Foi da Fundação Carnagie.
- s.s. A Carmagie Foundation ?
- O.L. Foi o Delgado de Carvalho, foi o Couto e Silva, da Medicina, fui eu da Engenharia.....
- s.s. Pessoas selecionadas como ? A Fundação convidou ?
- O.L. Fez vários convites assim. Eu fui indicado pela Associa ção Brasileira de Educação onde eu era o Presidente da Comissão de Ensino Superior. Teve uma professora envia da pelo Governo de São Paulo. Essa foi presa lá em Nova York porque estava roubando. A outra era irmã do funda dor desse Instituto de cobras aqui de cobras aqui de Niterói, como é que se chama ?
- M.B. Vital Brasil.
- O.L. Vital Brasil. Ela enloqueceu. Tinha uma psicóloga paulis ta , notabilíssima, que depois substitui o Lourenço Filho. Também foi uma das melhores educadoras de São Paulo. Mas no meio dessas, as que foram indicadas pelo Governo foram uma tristeza.
- A.C. Nada deu certo do lado do Governo?

- O.L. Nos aqui fizemos uma campanha muito grande pela Universidade, articulada com São Paulo.
- S.S. A missão de Teodoro Ramos na Europa foi nessa época mais ou menos ?
- O.L. Foi nessa época. Foi decisiva. Éramos nos aqui no Rio e o Teodoro lá. E muito entrosados uns com os outros. Mas ele conseguiu passar na frente. E nos estimulávamos, por que o paulista é muito orgulhoso, de maneira que foi um estímulo muito grande. O Teodoro Ramos era filho do...... que escreveu sobre o café. Eu era muito amigo do Teodoro Ramos. Ele foi lá na Europa e escolheu a dedo gente ótima, que foram decisivas. São Paulo deu um pulo.
- J.P. Isso em 34 ?
- O.L 34
- F. Foi aquele que foi prefeito do Mesquita?
- O.L. Foi, também ajudou, como é?
- F. Mesquita, do Estado de São Paulo.
- O.L. Julio de Mesquita, pai.
- F. Julio de Mesquita. E o governador era o

- O.L. Armando de Salles Oliveira.
- F. Armando Salles.
- Armando Salles foi um dos sujeitos mais notáveis que O.L. conheci. Morreu cedo, era candidato a Presidente da Re pública. Eu estive em contato com ele. Fui estudar 0 problema Eu sempre fazia ciência, mas com o objeti vo de ser útil, não é utilitário nesse sentido de dar dinheiro não, é no sentido de criar um país. Eu fui estu dar em 1932, 33, uma coisa assim, as jazidas de chumbo do Vale da Ribeira de Iguspe. Fiquei entusiasmado com possibilidades, porque o chumbo é um metal que se preci pita pelo calcário e lá tem muito calcário, tem filões pequenininhos, mas lá era o lugar mais difícil de se penetrar que existia. Foi o único lugar no Brasil, e eu fui em tudo no Brasil, que de canoa viam-se as onças.
- F. Ainda é difícil até hoje.
- O.L. Passa imitando tucano. Então voltei para aqui. O Minis tro da Agricultura era o Juarez Távora, foi meu colega de turma, fui lá falar com ele: "Juarez, eu quero participar isso ao Governador, porque é um pecado aquilo estar abandonado. Tem que ser construída uma estrada ligando Apiaí a Iporanga, ligando o Vale com o Planalto". Escre

veu uma carta muito amável. Pedi uma audiência por tele grama daqui, qualquer dia, qualquer hora, de 15 minutos, para explicitar o programa. Armando de Salles me fez sentar e não me largou durante horas. Eu tomo toda a par te de estatística mesmo. Mandou fazer no mês seguinte um levantamento. Saiu a estrada logo a seguir. Mudou o baú, no lugar daquele deserto, que era uma espécie de Mato Grosso, uma espécie de estrada das onças

- S.S. Foi uma coincidência que, ao mesmo tempo que o Sr. ia para os EEUU, o Teodoro Ramos começava a fazer essa via gem para Europa ?
- O.L. Não, o Brasil é um país pequenino. Então, todo o pessoal, era uma sociedade muito estratificada, tudo tinha conta to quando a turma que ia ao cinema de noite, as 10 horas da noite. A palavra ali não tem sentido, mas era um pessoalzinho que trabalhava muito de dia, então ia des cansar. Você conhecia todos, a não ser quando tinha uma pessoa lá que a gente não conhecia: "Vai, esse deve ser de São Paulo". A gente no cinema, talvez conhecesse 80%.
- J.P. A aldeia.
- S.S. A aldeia global.
 - O.L. Meu grupo começou todo de médicos, no cinema. Era o Gani

val Londres, professor de Medicina, Couto e Silva, o Valdomiro de Neri. Gente boa mesmo, esses eram bons, e eu achava que aquilo era normal. Hoje a gente vê na enciclo pédia aqueles nomes todos, os expoentes, e eu não dava valor.

- A.C. Em que consistiu a campanha, para?
- O.L. A campanha foi sobretudo......

FINAL DA FITA 1 - B.

- S.S. Da Sociedade Brasileira de Educação ?
- É, eu creio que, nessa primeira fase, o Presidente da O.L. Seção de Ensino Superior era o Laboriau. Então, nos ∞ m binamos fazer um folheto grande, com uma série de arti gos, mostrando o valor da Universidade. Ainda recordo que eu coordenava a parte material. Cada um escrevia e paga va para publicar. Naquele nosso tempo, todo sujeito que fazia, que dava, pagava em vez de receber. Por exemplo, nesses Cursos de Extensão universitária da Escola de En genharia, às vezes, tinham mais de 100 conferências por ano. Era toda a elite do Brasil. Todos vinham cá sabendo que tinham de pagar passagem, pagar a estadia. O compromisso era só de anunciar bastante nos jornais, pu blicar com antecedência e levar um auditório grande.

auditório enchia sempre a essa hora. Perguntarão quem era esse auditório. Era a elite do Rio de Janeiro e guns garçons daqueles cafés do Largo de São Francisco Era impressionante como esses sujeitos iam vestidos garçons e assistiam conferências o ano inteiro. Depois a Universidade quis que esse programa fosse aprovado pelo Conselho Universitário com um ano de antecedência. Tive mos que acabar esses cursos de Extensão Universitária . Agora, uma coisa que é fato é que tudo nesse sentido no Brasil era individualismo, não só na Educação, na Ciência, mas tudo no Brasil era individualismo. Perguntar por que, talvez seja por causa do tropico, porque no clima tempe rado o sujeito, depois de jantar, se reune num clube. Es tá nevando, está chovendo, estão no clube, tomando um scotch e conversando. Aqui o sujeito vai para praia. Só se consequiu um bocadinho de trabalho coletivo no futebol, foi a única coisa que funcionou. Então atualmen te, onde cada um tem um controle individual, não há mais contato nenhum. Isso que nos estamos reunicos aqui hoje em tomo de uma mesa, é uma das coisas mais rairas que e xiste no Rio de Janeiro de hoje. Hoje nem mais ao cinema ~ gente vai, por causa da televisão.

J.P. - Isolamento crescente, né?

O.L. - A televisão é de um lado só, não responde. Agora, foi es se mesmo grupo que fundou a Rádio Sociedade,o Henrique Porize,o Roquette Pinto. Eu fui um dos dez que fundou a Rádio Sociedade.

- S.S. Que depois virou a Rádio Ministério da Educação.
- O.L. Eu era lá varredor de chão, correção, criei a biblioteca.

 Quando faltava o locutor, de vez em quando, o pessoal

 telefonava: "Quem é essa moça que está como locutora ho

 je". Me dava um complexo louco. Nos fazíamos tudo. O Ro

 quette Pinto era um idealista.
- S.S. Ele também estudou na Politécnica ?
- O.L. Não. Ele estudou na Faculdade de Medicina.
- S.S. Na Medicina.
- E o mais curioso é que esses maiores valores, como O.L. Ro quette Pinto, Miguel Osório de Almeida, nunca passaram de docentes livres porque nunca havia vagas. E hoje cada analfabeto aí que está como diretor. Naquela época era o contrário, havia muito poucas chances e, quando ha via , os valores eram selecionados pela própria natureza. Eu me recordo que uma vez viajei para os EEUU com o Pro fessor Possion, que era um francês professor na Universi dade de Harvard, um dos sujeitos mais famosos do Colégio de França. Na viagem ele ficava querendo saber muita coi sa sobre o Brasil e perquntou-me qual era a minha im pressão sobre os EEUU. Eu tinha estado varias vezes. disse que tinha um entusiasmo muito grande pelos EEUU

sobretudo pela Universidade, pelo que eu tinha visto .

Disse ele: "Não posso acreditar. Eu encontrei muito mais cultura no Brasil do que nos EEUU, onde eu sou professor numa das mais famosas Universidades, que é Harvard. "Eu disse : " O que que está acontecendo aí? Estamos falando duas línguas?" Então fui verificar todas as pessoas com que ele teve contato. Era toda a elite do Brasil, era Miguel Osório, Álvaro Osório, Fernando Laboriou.

S.S. - Que talvez ele nunca teve chance de ter nos Estados Unidos esse contato.

O.L. - Pois é. Agora, o que acontecia naquela época era que vinham todos os expoentes mundiais de ciência aqui no Brasil, naquele instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura, e mesmo com os ingleses. Por exemplo, veio aqui a assistente de Madame Curie. Acompanhei o Einstein aqui, esse pessoal todo de Prêmio Nobel, uma dúzia deles, eu tinha automóvel, eu era chauffewr.

A.C. - Mas por que esse interesse tão grande dos estrangeiros?

O.L. - Era propaganda dos franceses porque a cultura brasileira o Brasil, era colônia intelectual da França. Era de fa to. Apenas a França, como a Inglaterra hoje, falando do francês, é uma língua que ficou morta como o Latim. É uma pena, porque era uma cultura profunda e uma língua

que é um assombro de beleza. Enquanto que o inglês, por ser uma língua muito fácil, muito sintética e porque inglês foi muito individualista, sempre pragmático, domi nou o mundo, dominou o comércio. Depois, os Estados Uni dos é o paraíso natural da terra, qualquer povo colocado nos Estados Unidos, até americano. São inacreditáveis os recursos naturais e as possibilidades naturais. Enquanto que no Brasil, tudo é adverso. Então, foi preciso chegasse o momento, quer dizer, eu fiz essa viagem em volta do mundo, no trópico, pra entender o Brasil. Mas não foi de preconceito não, é que eu quis ver por eu não entendia, porque eu via aquilo e não entendia E fui vendo, aprendendo por mim mesmo que só existia ci vilização na região que não era tropical. Por exemplo, a Austrália, todo mundo falava na Austrália, com a Austrália. Toda a parte norte da Austrália é ticamente um deserto. Eles dizem que não, mas é mente mais seco do que o norceste do Brasil. Então, eles começam a habitar do trópico para baixo. Também aqui Brasil, o sul do Brasil, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, também é uma maravilha. Só acontece que o Brasil es tá upside down, de permas para o ar, quer dizer, se largura na parte equatorial fosse igual do Rio Grande do Sul, nos seriamos um dos grandes países, potências do mundo, já há muito tempo. Não tem a menor dúvida.

O.L. - Não, não, não, não. Acontece que como retórica, isso é muito bonito mas, até certo ponto, isso é um desafio do trópico, se o homem é capaz de vencer o trópico ou não.

Como é que começou a civilização? Na Zona Temperada?

Não, começou na Zona até quase que equatorial, nas mar gens, nas costas dos desertos.

S.S. - Nas margens do Nilo.

O.L.

Mas o Nilo corta um deserto, quer dizer, aquelas dumas todas de areia encostam no Nilo. Eu caí na asneira pegar um automovel, queria entrar no deserto da Libia pa ra ver aquilo como é que era. Ah ! com meia hora de via gem, eu disse: "Volta, volta que eu vou morrer aqui pavor". Mas de medo mesmo. Você pensa que duna de areia é branca ?. Não é branca não, é cor de sujo. De maneira que não era possível, antes de ter o controle, o nio co calor, habitar as zonas frias, as zonas das. Então o que que houve ? Houve uma seleção das raças mais fortes, foram os nordicos. Todas as raças não conseguiram sobreviver aqueles invemos prolongados. Então, o que a seleção climática fez foi criar os nórdi cos que, de fato, são os povos mais civilizados do mundo. Depois, eles progrediram a zona temperada e a zona tro pical ficou para tras. Ainda mais, essas zonas equatoriais, por exemplo, o norte da África foi o celeiro

Europa, no começo da Era Cristã. O que que é hoje ? De serto. As costas não se substituiram; cortaram flores tas, exploraram as minas de ouro e acabaram. O próprio Estados Unidos que tomou o seu deserto, eles criaram desertos com a overgranzing e com uma produção muito in tensiva. Sobretudo com a criação intensiva. Aqueles fura cões de poeira. Oklahoma não.

- J.P. Kentucky.
- O.L. Kentucky. Mas as facilidades naturais dos Estados Unidos são incríveis. Primeiro, recursos minerais tem pratica mente todos.
- J.P. Recursos energéticos ?
- O.L. Recursos energéticos. Agora, acontece o seguinte:o Brasil tem muitos recursos minerais ? Tem. Não a menor dúvida.

 A tal ponto que o professor so pelo mapa co Brasil, sem saber nada, acredita que aqui era Urânio. Ele tem absoluta certeza, convicção, porque eles
- S.S. Acredita o que ?
- O.L. Vai produzir, dar urânio para o Brasil.
- S.5. Urânio?

- O.L. É. Perguntar por que que faz. O negócio de escutar as coisas.
- J.P. Segunda o Maurício Peixoto, o Formann já se comprometeu a começar as jazidas de urânio enriquecido (risos).
- S.S. Já enriquecido ?
- J.P. Já.
- F. Empobrecido.
- Mas esse meu argumento é só para chegar ao seguinte: a importância de viajar. Tem certas coisas que a gente não aprende em livros. Eu tive um convite do Coverno do Equador para estudar as minas de enxofre do Equador, porque eu estava estudando o problema do enxofre no Brasil. Então, eu rodei todo o Peru, todo o Equador até a Colombia, pe los Andes. O que me impressionou foi o seguinte: o Chile e o Peru são todos cheios de jazidas por todos os lados, são as maiores jazidas de cobre do mundo. Chega no Equador, a fronteira política, acabam as minas, a fronteira dos minerais. Então, se você olhar assim vê. Por que aqui não tem minérios ? É porque toda ela é por causa das cor rentes úmidas, é toda coberta de mato, quer dizer, vui que cruza a cordilheira, se encontra um minério cobre, es que cruza a cordilheira, se encontra um minério cobre, es

tá sentindo que é pesado, depois está tudo pintadinho de verde de malaquita. Agora aqui, encontrou-se, em 1700 e tamto, um bloco de cobre nativo pesando uma tonelada e tanto. Esse bloco está no Museu da Ajuda em Lisboa Depois não se encontrou mais nada. Seria possível alguma...... magnânima produzir este bloco de cobre ?

- F. O Caraíba de que ano é, Dr. Othon ? É em 1800 e tantos a descoberta de Caraíba ?
- O.L. Eu acho que é 1890, essa data é bem antiga. É o seguinte, então qual é a razão ? A mesma razão que o clima botou os mosquitos, botou a febre amarela e a malária, o clima decompôs a rocha e os minérios estão visíveis.
- F. Dr. Othon tem outra coisa também, na Europa, a raça francesa, alemã, etc, tinha exploração de metal desde o tem popudos romanos. Portugal não tinha essas coisas. Portugal nem Espanha.
- 0.L. Não, é que as minas de Portugal não se chamavam de portuguesas, se chamavam de Poma. Era do Império Romano, de pois vira de Portugal.
- F. Pois é,o pessoal que foi para os Estados Unidos conhecia chumbo, zinco, etc. O português só conhecia ouro. Chegou aqui achou e não quis mais nada.

- J.P. Mas aí é uma fase da História, do problema mercantilista.
- O.L. Não, mas
- F. Agora você vê, essas minas que o Dr. Othon fala o foram trabalhadas para a prata, mas tem muito mais chumbo que prata. O português nunca mexeu com chumbo, só com prata.
- O.L. Sim, mas as minas famosas da Grécia, do auge, forneceram prata para aquela guerra de Troia, tudo isso e o chumbo era reduzido, jogado fora.
- F. Chegamos à conclusão que o português tem uma cultura grega.
- O.L. Mas a dificuldades intriseca da rocha decomposta, do man to de é que ele chega a ter mais de cem metros aqui no Rio de Janeiro. O morro do Castelo....
- F. Não tem dűvida, isso é importante, mas também a mentalidade do pessoal que veio para cá, no meu entender, é importante, eles não estavam preocupados
- O.L. É um círculo vicioso, não entendiam porque não tinha.
- F. Exato, mas não tinha lá também em Portugal.

- O.L. Sim, você na nossa história, o número de aventureiros que vieram para o Brasil colonial procurar metais. É um número muito grande. Mineiros venezianos, etc....
- F. Querendo achar aqui o ouro. Pois é ficaram chateados por que aqui não tinha Aztecas e Incas para roubar o ouro . Só procuraram ouro, ninguém procurou outra coisa.
- O.L. Mas escuta, lá na Cordilheira, os Maias, Aztecas, Tolte cas, essas coisas todas, eles trabalharam o ouro porque eram uma raça culta. Você não tinha um índio que prestas se aqui na América do Sul. O que que era arco e flexa ?
- F. Continua, continua
- O.L. Você tinha, quando muito, os Tupis no Paraná e Santa Catarina usando cesteiros de cobre.
- A.C. Os Incas não
- J.P. Não, os indios .
- A.C. O senhor diz na América do Sul ou no Brasil?
- O.L. Eu digo que em toda a Cordilheira tinha índios mais avan çados , a começar dos Maias. Mas aqui você pode ter civilizações que construiram aquele cemitério de Marajó e do Tapajós, mas eles não agüentaram, foram embora. Tinha um elemento mau.

- A.C. Os mosquitos.
- S.S. Como dizem os economistas.
- O.L. De maneira que é assim : o elemento mau expulsa o outro.

 Agora a minha experiência de ensino nessa ambiente umi

 versitário brasileiro, Museus, etc..., sempre o elemento

 mau apagou o trabalho dos outros .
- O.L. Impressionante, toão mundo se congrega contra o bom.
- F. Isso é uma coisa que ele diz há uns vinte anos :os ruins se juntam, os bons se isolam.
- O.L. Todo bicho predatório se reune. Eu quero fazer um inter valinho. Quão é agradável a uma pessoa velha transmitir a experiência, por pior que seja. A gente nova tem feito uma base diferente, muito mais sólida.
- A.C. Quanto mais sólida pior.
- 0.L. Meu filho está fazendo Geologia. Ele começou de cima, da última paulada em toda parte de ciências.
- J.P. O senhor como geólogo, na sua época também, já começou de uma paulada diferente dos seus antecessores.

- O.L. Eu tive minha cultura geral desses contatos, mas da Geologia eu não tive. Eu nunca tive um professor de Metodologia, em nenhum setor da Geologia.
- F. Mas até agora o senhor não disse como era logo que o se nhor entrou para a Escola de Engenharia.
- Eu, como aluno, gostava muito de Geologia, era o melhor O.L. da turma de Geologia, Então, o professor de Geologia me pegava para uns estágios. Eu arrumava as coleções, então passei a morar no laboratório de Geologia, A Escola chava às seis e a gente ficava la até meia-noite. Então, jã como aluno, eu era auxiliar de ensino. Meu professor, que chamava-se Everardo Adolpho Bacoiser de origem mã, me pegava para fazer toda a aula escrita na de véspera. Nas quatro pedras, eu desenhava com giz cores, os quadros todos escritos e isso me tomava muitas horas. Estava tomando café com leite, naquele botequindo Largo, Café Jalo. Na aula de Mineralogia vi aquelas eti quetas que estavam todas erradas, então eu corrigia. Ele perguntava por que eu aprendi aquilo, eu respondia: "Por intuição, a gente nasce com um sexto sentido". "Bom, en tão você poderia me dizer que isso aqui é ionita do tempo primitivo". Mas eu sentia que era silica anidro.
- F. Aliás era uma característica dele como professor arranjar coisas que pareciam outras para a gente identificar. Para qualquer alumo.

O.L. - Que idade tinha o Otinho quando ele fazia aquele negócio de minerais ?

Mulher de O.L.- Quatro anos.

Para mostrar, quanto à intuição, que meu filho, quando e O.L. ra pequeno, tinha que dava até para brincar, com quatro a nos. Então eu dava uma centena de minerais diferentes . Ele chegava lá e distinguia um merílio verde de uma rita verde, de um outro qualquer. Mas tudo, tudo, ele di zia. Os cutros ficavam gozando. Depois o cutro começou a fazer de inimigo disso, então acabei com isso. Depois quis ver se ele não fazia Geologia, fazia outra coisa, que a minha Geologia foi muito dura. Quando ele quis entrar pa ra a escola superior, eu rodei tudo para mostrar o ele queria ser. Por exemplo, eu era diretor da mann, levei lá para Mannesmann em Belo Horizonte, corri a Mannesmann inteirinha pra ver se ele queria fazer lurgia. O Presidente da Mannesmann, que é muito meu ami go, disse assim: "Você começa logo de cima". Fiz de do, "estuda Medicina", mas acabou entrando por ele próprio para Geologia, sem influência minha nenhuma.

S.S. - Pura coincidência!

- O.L. Não, mas não é isso não. Ele entende e é bom, não é ?
- F. O Otinho é.

(INTERRUPÇÃO DA NETA.)

- O.L. É por isso que, quando o ambiente não é favorável, se per dem elementos que podem ser extremamente úteis no setor.
- S.S. O senhor na universidade, quando estava como professor, encontrava bons alumos que pudessem continuar a ter interesse pela Geologia?
- O.L. Encontrava para Engenharia. Para Geologia eles aceitavam, chegavam lá, mas como divertimento, como hobby, não como conhecimento, tanto que
- J.P. Não era uma profissão.
- Segui fazer um assistente realmente bom, Oscar Edwaldo Portocarrero, que é matemático, sobretudo de cál culo vetorial, mas ele tem tudo que eu quiser. Ele se tor nou assistente, dava aula na Francisco Pena, mas estava se prejudicando porque era matemático, não era de Geologia. Como eu dizia, e ele ficava riborizado, "Sai e vai fazer o seu curso de Matemática ".logo tentei fazer

com o que eu tinha. Com assistente não conseguia fazer nada e tive que ficar como professor até hoje. Não consigo que ele faça Geologia. Inteligente, um ótimo engenheiro. Não tem vocação. Sem vocação não se faz mesmo.

- F. Dr. Othon, quando se criaram aquelas Faculdade de Filo sofia, que São Paulo começou, trouxe um italiano para fazer Mineralogia, etc..., e que na realidade foi a origem da Geologia, em São Paulo, moderna, digamos assim, por que não funcionou aqui?
- O.L. Porque não vieram esses elementos, não tinha dinheiro.
- J.P. Mesma coisa de Física ?
- O.L. Aquilo é trabalho individual do Teodoro Ramos, com apoio do Júlio de Mesquita, que tem o jornal, e pessoalmente do Armando de Salles Oliveira.
- J.P. Eles fizeram Química ou Física ?
- O.L. Quimica. O Rheinboldt também fez toda uma escola.
- J.P. Wataghin.
- O.L. Wataghin então é meio assambroso, porque o Wataghin era mãe desses meninos todos.
- J.P. O Leite Lopes tem um artigo que é muito interessante.

- O.L. Não li não.
- J.P. É antigo.
- S.S. Além desse problema que o Dr. Pelúcio tinha falado, quer dizer, o fato da Geologia na realidade não ser uma profissão como a Engenharia, não tinha um departamento de Ciências Geológicas também.
- O.L. A Geologia só é uma profissão porque nós fizemos uma for ça.
- J.P. Bom, isso mais recente.
- O.L. Essa parte recente
- F. Filosoficamente, mesmo no século passado, a Geologia não era uma profissão.
- O.L. E não é, no mundo, não era, não era
- F. Eram aquelas escolas de montanhismo, aquelas coisas e tal.
- O.L. Havia engenheiro de minas, Geologia teve..., como a

 Botânica e a Zoologia .
- J.P. História Natural

- S.S. Por exemplo, na USP, Geologia na Faculdade de Filosofia não é uma profissão ?
- J.P. Não havia profissional....
- F. Quando começou não, era uma cadeira.
- S.S. Era uma cadeira de dentro.
- F. Da História Natural.
- S.S. Para formar professores.
- Confesso que sou inteiramente responsável para fazer Geo O.L. logia no Brasil, como profissão e carreira. A vida intei ra eu briguei na Escola de Engenharia pela Geologia, pa ra voltar a fazer o curso de Engenharia de Minas.Foi fracasso. Modernamente, fizeram um novo curso, como cê tinha la na Escola de Engenharia.Com a desacumulação, fizeram um curso de Engenharia de Minas. Foi um fracas so completo. Depois me chamaram para tomar conta desse curso, sem recurso nenhum. Foi uma coisa tão ruim que eu preferi que acabasse o curso. Só formei um sujeito capaz, que era o neto do marechal Tasso Fragoso, que tra balhou na Comissão de Energia Nuclear, se chama Leite Fragoso Senra.

- J.P. Fragoso Senra.
- O.L. Menino inteligente.
- A.C. Fragoso?
- J.P. Senra.
- F. Depois, nós tentamos fazer Engenharia de Minas outra vez, quando teve a Reforma Universitária, e não deu em nada.
- O.L. Você admite que não conseguiu fazer um curso aqui nova mente ? Creio que o ambiente está maduro, mas já se pas sou muito tempo. Eu fiquei no Conselho de Minas e Meta lurgia durante..... Eram dois só que eram elementos téc nicos: o Glycon....

.5.

- J.P. O Glycon não foi contemporâneo seu?
- O.L. É um pouco mais moço.
- J.P. É um pouco mais moço?
- O.L. É bem mais moço. Eu fui do Djalma Guimarães.O Glaycon é bem mais moço. Sujeito de muito talento. Ele administra, é mais economista do que geólogo. Como geólogo, ele não vê diretamente, ele vê através de outros. Se apresentar

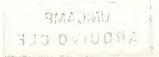
um trabalho ruim, ele diz e entende coisas assombrosas, mas se puser ele no campo, ele não vê. É curioso mesmo. Tentou-se de todo feitio, a maioria das pessoas com idea ais e nós sempre gritando que era necessário Geologia, Geologia. Mas, quando o Clóvis Salgado foi Ministro da Educação, ele ficou escandalizado quando sou be que não havia, que não se formavam geólogos no Brasil. Ele como engenheiro de minas, ele é engenheiro? Ele é medico

- s.s. Obstetra.
- O.L. Obstetra. Então se lembrou de fazer um grupo para se es tudar aquilo. Convocou dez nomes. Pediu um no Conselho de Minas e Metalurgia, indicaram o meu nome. Depois pediu su gestão do Glycon e constataram o meu nome para Presidente dessa Comissão. Foi em 56 ou 57 ?
- F. 56
- O.L. 56. Então, nos reunimos. Era o José Hermínio de Morais.
- J.P. José Hermínio é esse engenheiro de minas ?
- O.L. Engenheiro de minas, colorote como o pai, mas ele nunca fez Engenharia. A mina dele era o seu sogro.

- F. Falando "uai, ele é minerão mesmo.
- J.P. Abraçou uma profissão altamente rentável.
- O.L. O sogro dele sim é que era um português muito burro, mas muito simpático . Aonde é que nos estávamos?
- F. Estávamos na CAGE.
- Então fizemos esse grupo. O quê que vamos fazer? Fazer O.L. Geologia em que grau ? Grau técnico, curso ou curso superior ? Dentro das Escolas de Engenharia na Faculdade de Filosofia ? Primeiro começou dizendo tem que ser feito em diversos graus. Devia ter um curso baixo, grau técnico, contramestre e depois um curso que poderia ser de graduação e outro de pos-graduação. Discu tiu-se muito de que maneira. Eu sempre insisti, no come co, que devia fazer um curso equiparado ao de Engenharia, mas totalmente livre de Engenharia, que podia ficar pro visoriamente em qualquer escola, mas também depois ser um curso individualizado numa escola individualizada.Depois de muito lutar, o pessoal concordou com isso. O mais en graçado é que o Irajá, que fez o melhor discurso lá Rio Grande do Sul, não queria ter um curso de nível supe rior, queria um curso mais baixo.
 - J.P. O Irajá é que foi diretor do Conselho ?

UNICAMP ARQUIVO CLE

- O.L. Foi, ele é ótimo. Aquele é outro completamente individual. Tinha um russo, Boris Braniskof, cuja mulher era professora de pintura da mulher do Clóvis Salgado, que era cantora.
- S.S. Lia Salgado.
- O.L. Lia Salgado. Foi à custa desse Boris Braniskof, que tinha contato com Lia Salgado que insinuou ao Clóvis para fazer curso de Geologia. Então criou um curso totalmente estratosférico. Engraçado como as coisas saem desse jei to. Mas o Clóvis é muito inteligente, um sujeito de primeira classe.
- F. Nessa altura, a Geologia como profissão já existia no resto do mundo. Ela se transformou em profissão no fim do século passado, início deste.
- O.L. Mas a maioria dos países ainda fazin Geologia como uma das
- J.P. Um dos ramos da Ciência.
- O.L. É, das Ciência Naturais. Mas eu insisti por isso só. En tão, para se criar carreira era muito dificil. O Diretor Euvoldo do Ensino Superior era o Envoldo.
- J.P. Fiœu lá séculos.



O.L. -

Ficou lá vinte e tantos anos. Tinha defeitos tremendos, fazia antipatias, brigava com todo mundo, mas tinha mui tas qualidades. Era aquele cadnorro bulldog, que pega e não larga. Fazia uma discriminação muito grande. Quando ele via que as coisas eram boas, ele fazia tudo, o exemplo é aquela Universidade de Santa Maria, deu todo apoic, foi quem mais criou escolas, mas também quando o sujeito não prestava, ele mordia a calça, a camisa, a orelha, tudo isso. Ele nos deu apoio desde o começo muito bem. Nós ficamos espantados, porque não podia ser, um sujei to que era serpre do contra, como é que ia aceitar?

- F. Já era aquela comissão dos quatro, da CAGE ?
- O.L. Ele gostava muito quando eu entrava em campo. Nos deu uma chance tremenda. Nos sempre lutamos e não conseguimos , se agora não se faz certo, está perdido. Fizemos então , programamos a carreira. Agora a dificuldade é criar a carreira e criar a profissão.
- F. Diga-se de passagem
- O.L. A escola se desenvolveu, os cursos se formaram e os alu nos brigavam, apertavam a gente, quer dizer, se nos criar mos as carreiras secundárias, todo mundo vai preencher a carreira, tudo quanto é engenheiro que pegou uma pedri

nha no caminho para fazer paralelepípedo, vai ser geólo go. De fato. Então, vamos esperar que surja de maneira mais adiantada e fazemos. O Lodi tinha muita força política porque dava as verbas todas de Educação, então tinha uma porção de senadores e deputados Um deles, por exemplo, é o Krieger que era relator do orçamento da E ducação. O Tarso Dutra estava na Câmara. Estávamos fazem do os cursos superiores.

- F. Fazer um parentesinho que eu adho que é importante,o sr. falou que teve brigas e brigas, o sr. esqueceu de dizer que essas brigas todas foram contra Ouro Preto que não queria criar a profissão de geólogo.
- O.L. Eu vou chegar la. Esses cursos se fizeram....
- F. Ouro Preto, por isso eu estou fazendo πenção.
- O.L. para mostrar que o fenômeno não é de Ouro Preto, é um fenômeno.
- J.P. Mas em São Paulo, já existia ?
- S.S. Pois é, isso que ia perguntar.
- O.L. São Paulo tinha criado em lei, mas não estava funcionando ainda.

- F. Não como profissão.
- S.S. Mas o que que acontecia na Faculdade de Filosofia enquanto havia essa luta para criação do curso, da profissão, aqui no Rio ? O que que acontecia em São Paulo, na área da Geologia, na Faculdade de Filosofia ?
- O.L. Tinha um curso de História Natural muito bom que forma

 va o licenciado em História Natural. Então, eles iam en

 sinar, sobretudo, nas escolas secundárias.
- s.s. Mas eles eram bons geólogos ?
- F. Não, o curso era História Natural.
- O.L. Era História Natural.
- S.S. Em geral?
- F. Tinha algumas disciplinas em Geologia.
- S.S. A pessoa não podia se especializar em Geologia, por São Paulo ?
- O.L. Depois é que se criou. Criamos esses cursos. Então, precisar-se de quantos cursos ? Achava-se que não era possivel criar mais do que quatro de uma vez, porque não ha

via elemento humano capaz, mesmo trazendo de fora. gente não consegue gente boa assim de repente era prefe rivel ter menos cursos e melhores. Então os cursos eram: São Paulo tinha prioridade porque ia fazer como Estado, mas nós tínhamos receio de que o Estado não fizesse bem, porque eles não tinham experiência superior. Tinham dois professores que tinham ido embora: o Barão Otorino Di Fiore, que é de Geologia, e o Ettore Onoratto, que de Mineralogia e especializado sobretudo em raios X. maneira que, um especializado em Paleontogia e outro Mineralogia, os dois juntos não formavam ..., dois tores completamente inintrosaveis. Quer dizer, eles fossem muito bons, não constituiram uma carreira de Geologia como em Física se criou , que o Wataghin era um geral e o grupo era bem melhor. Em Geologia não era mui to melhor, como em Química, etc. Mas, o segundo curso e ra no Rio Grande do Sul, porque tinha o melhor do Brasil, o Eliseu....., que dava todo o apoio Ele disse que, se fizesse la, apoiaria completamente. jeito excepcional. São desses sujeitos que se fez por si proprio. Ele começou na Faculdade de Medicina como aju dante de limpeza, lavando chão. Uma vez chegou um pro fessor la que maltratou-o, então ele jurou que ia se for mar em Medicina, que ainda ia ter uma cadeira dele. E um sujeito fantástico, sujeito que nasœu de classe. Æ pois foi Ministro da Educação, no tempo do Jango Goulart.

Depois um curso no centro e outro no norte. No norte prevaleceu o reitor do Amazonas, que fazia questão abso luta de ajudar a Geologia e tinha um grande prestígio Eu jalconhecia há mrito tempo, porque eu fiz parte ão Conselho Superior de Ensino, em 1925. Eu tinha 25 anos, que topete não é ? Com Afonso Celso, Reynaldo Pochart Eu comecei muito cedo. Eu disse: " Aonde é que vai Sr. Ministro ? O. Sr. que é de Minas e que é Ministro da Educação, o Sr. é que tem que dizer, porque se eu puser em Minas no Rio e propuser la... 0 de Morais, que era de Minas, de Ouro Preto, pleiteou que fosse Brasília. Ele não fazia parte da Comissão, mas no Conse lho de Minas, onde ele tomava parte como Diretor-Geral do Departamento de Recursos de Produtos Minerais, ele um grande apelo que todos pleiteassem em nome do Conselho de Minas, que fosse para Brasília. Eu disse: "Não pleiteio porque o Conselho não votou, é opinião sua só. Eu não tenho preconceito, qualquer lugar serve". Sobre Brasília, eu conversei com o general Jurandir Matos "Brasilia não poder ser, porque a filosofia que nós fizemos é não tar curso superior em Brasília, é deixar nos outros esta dos. Brasília vai ser um outro caso". Mas logo a seguir fizeram. Não quisemos fazer no Rio, porque não quis , mas foi erro, porque achava que não havia elemento humano. Aí ficava a faculdade de Engenharia, que a Escola Nacio nal de Filosofia não quiseram. A Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro começou ótima, como Faculdade de Ciên cia da Universidade do Distrito Federal, que foi criada... J.P. - Quando Pedro Ernesto foi Prefeito, que foi afastado em

O Anísio Teixeira era secretário de Educação, mas quem O.L. fez de fato a Universidade foi o Roberto Marinho de Aze vedo, que era professor de Engenharia. Ele é ótimo. imão do Marinho de Azevedo, médico, que também era primeira ordem. Então, estava havendo uma reunião de rei tores, quase todos estavam e o Clóvis Salçado perguntou se não poderia ser em Minas. "Realmente pode, todos es ses lugares cabem, mas por uma questão política, e o Sr. tem compromisso político com Minas, nos não criar caso com o Sr., de maneira que o que o Sr. propu ser nos aceitamos em princípio". Se não fosse em Minas , admite-se a hipótese, acnde poderia ser ? Ouro Preto ou Belo Horizonte ? Eu pessoalmente preferiria Belo Horizon te, porque é mais fácil começar uma coisa nova que tem tradição, onde não tem vícios. Pedro Calmon é disse : "Eu preferiria Ouro Preto, porque é uma maneira de matar com uma cajadada dois coelhos". Ele era reitor da Universidade do Brasil e Ouro Preto estava subordina da à Universidade do Brasil. Então houve mais discussão, se o Calmon que é ào Rio de Janeiro propos Ouro Preto , se o Ministro que é de Minas Gerais, não queria decidir a questão.

S.S. - Mas Ouro Preto não estava se opondo a esse curso de Geologia ?

O.L. -

Os engenheiros de minas de todo o Brasil se opuseram radicalmente. Ouro Preto foi mais veemente, porque o curso já existia lá, em São Paulo foi a Escola de Engenharia, porque o curso tinha ficado na Faculdade de Filosofia, já tinha ambiente, e no Rio Grande do Sul com a Escola de Engenharia também. Fizeram tudo que era possível fazer para não sair os cursos. Por exemplo, no caso de Ouro Preto, o incumbido de dar esse discurso no Senado, foi o senador Mainard que era formado em Ouro Preto. Mas eu combinei com Avelino de Oliveira, que era de Ouro Preto, deputado federal

S.S. - Com quem?

O.L. -

Avelino Inácio de Oliveira. Eu queria que saísse um cur so bom, onde tivesse possibilidade. Não era nada pessoal contra Ouro Preto, tanto que, quando foi fundado, fizemos o máximo de esforço possível para conseguir um curso bom em Ouro Preto. A aprovação da carreira saiu porque um de nossos alumos era filho do Ranieri Mazzili, que já tinha sido duas ou três vezes presidente da República, era um sujeito muito agradável e tinha sido membro do Conselho do Petróleo. Era muito amigo do Avelino. Adian tou todo mundo. Fomos lá falar com Ranieri Mazzilli que disse: "Te empresto aqui meu secretário que é o Paulc". Então, fui falar com deputados e senadores em nome dele, Ranieri Mazzilli. Fui falar com todos que estavam se o

pondo, era o do Rio Grande do Sul, uma série deles. Com cada um que o Paulo me levou para conversar, nos conversamos sobre isso. Eles aceitaram em princípio, desde que o Mazzilli prometesse dar alguma coisa em troca. Então, foi comprado voto por voto. A campanha em todos os ter renos estava muito forte, então se criou a carreira e a profissão.

- F. Nessa época, o aluno que fazia Geologia tinha emprego garantido depois ?
- O.L. A coisa não era bem assim.
- S.S. Eu tenho a lembrança disso em Ouro Preto.
- A ideia preliminar Deixa que eu falo, Pelúcio O.L. A filosofia é o seguinte : tinha um çeólogo que geólogo, então tem que dar uma chance a dois ou três de fazer Geologia. É muito mais natural encontrar un bom geólogo no meio do campo, que pega na terra e estã levando um bichinho até la, do que o sujeito da cidade que vive só na escola. Então, era necessário, para gue esses andassem bem, que se desse bolsas. Então, se cria riam bolsas que não fossem suficientemente grandes para ser profissão e nem bastantem pequenas para não ser con vidativas. Só não daríamos bolsas no Rio de Janeiro, por que era um convite a nos muito grance, que somos do Ric de Janeiro.

J.P. - Pelo que eu sei de alguns ramos científicos, no Rio de Janeiro e em São Paulo, um caso especial a Universidade de São Paulo a partir de 1934, entre 30 e 34, a falta da Universidade verdade ra foi suprida por entidades para - universitárias, mais governamentais, por exemplo, em Agronomia, o Instituto Agronômico de Campinas foi mais importante que qualquer...

- O.L. Muito mais importante, sem duvida.
- J.P. Universidade ou escola com ciências básicas ou ciência agrária. No Rio, a Faculdade fracassou.
- O.L. É,um bocadinho antes. A Faculdade de Filosofia que se le va para São Paulo não é a Faculdade de Filosofia, é a Faculdade de Ciências da Universidade do Distrito Federal. Esta começou tão bem ou melhor do que a de São Paulo.....

FINAL DA FITA 2-B

O.L. - Você bota aqui, a primeira chuva leva tudo, não deixa nem amostra. Então, uma vez fui ao Jardim Botânico, não sei em que ano, com a turma toda de agrônomos que tinha lã. Fizemos umas excursões, porque o Ministério da Agricultura é dos agrônomos, então não podiam admitir que o pessoal da produção mineral venha aqui. Nesse tempo, eu

trabalhava no Serviço da Produção Mineral e nos todos nos recomes aqui na Escola Nacional de Agronomia, de ma neira que eu sabia do comportamento da Agronomia. Agora, a gente da Universidade do Distrito Federal tinha elementos ótimos e elementos péssimos. Primeiro, você não pode tomar o médio por bom, não tem sentido, mas a Faculdade de Ciências foi escolhida para mim por um sujeito talentos para chuchu

S.S. - Quem?

O.L. - De muita força . Anísio Teixeira, bom, excepcional, inclusive foi caluniado por todo pessoal metido nisso, foi cha mado de comunista e ele não tinha nada de comunista, era democrata até a raiz dos cabelos. Eu sei disso tudo por que na Associação Brasileira de Educação tinha um grupo chamado de comunistas e o grupo dos católicos. Quem não era católico, era comunista . Por exemplo, a irmã do Alvaro Alberto, que era ótima, era do grupo dos que não batiam palmas para as A Laura Jacobina Lacombe liderava os católicos.

A.C. - A imã do Alvaro era do grupo ?

comunista. Ela era comunista, mas inteligente, uma educa dora formidável. Era uma época em que comunista tinha uma outra conotação, era no sentido de liberal.

- A.C. Qual foi o papel do Capanema, que o Sr. disse?
- J.P. Isso é que eu queria saber.
- O.L. O Capanema é notável num sentido, é um sujeito muito intuitivo, com pouca cultura. Tem muita intuição para a parte de arte, conseguiu fazer aquele edifício que, quando foi construído, a revista LIFE publicou uma página dupla como sendo o edifício mais lindo do mundo.
- A.C. O Ministério de Educação?
- O.L. O Ministério de Educação causou um impacto tremendo. Nim guém aceitou aquilo no começo. Mas em matéria cultural, ele tinha muitos defeitos. Eu o conhecia bastante, jam tei muitas vezes com ele na casa daquele Tasso.... Ele achava que, no Brasil, toda parte cultural tinha valor, a única raiz que não tinha valor era a portuguesa. Talvez seja por essa razão que estou escrevendo esse livro so bre outras raizes. Eu não tenho nada contra português, mas a parte cultural foi muito pequena.
- F. Para não dizer, inexistente.
- O.L. Não é que seja refratário, em todo mundo é a mesma coisa.

 Quando o aventureiro português, daquela Escola de Sa

 gres, que na época era a melhor coisa do mundo....

- J.P. A que o Sr. atribui a extinção da Faculdade de Ciências?
- O.L. Não tem a menor justificativa, acabou-se de repente. Eu posso falar porque eu era das duas. Era do Distrito Fe deral, passei para Nacional, mais caiu assim de cabeça.
- F. Mas o que que Caparema fez ?
- O.L. Mandou acabar por decreto.
- J.P. Mas não foi porque, em 1937 Pedro Ernesto foi destituí
 do da Prefeitura e ele é que foi o grande incentivador da
 Universidade do Distrito Federal?
- o.L. Ele não tinha nada, foi ciúme. Ele quis criar uma Univer sidade completa, ele afundou e resolveu acabar com a ou tra, porque estava fazendo ciúme. Uma era tempo livre, escolhia os professores com contrato, eram contratados por um ou dois anos, dois anos parece, enquanto que a outra, o sujeito ia lá e Era como o sujeito que botou a estrada de ferro e ficou só com a estação inicial, sem o fim da linha.
- S.S. Isso foi em 1937 ?
- O.L. Foi em 1937.

- s.s. Quer dizer, isso coincide com a lei da desacumulação ?
- J.P. Não.
- O.L. Coincide, foi em 1937.
- s.s. Este é o ano da desacumulação também, que afastou o pessoal da Universidade.
- F. Mas jā existia Universidade do Brasil nessa época?
- O.L. Naquela desacumulação, existia. Tanto que eu estou

 A Universidade do Brasil criou a Faculdade Nacional. Era
 Escola Politécnica do Rio de Janeiro, depois Escola Na
 cional de Engenharia e terminou a Nacional muito recente
 mente.
- J.P. Por exemplo, no caso de Geociência ao se integrar na Universidade. Quer dizer, ao longo do período Capanema, tirando a falha da extinção da Universidade do Distrito Federal, ao longo do período do Estado Novo, a Universidade de prosperou, piorou ou melhorou?
- O.L. A minha impressão, como impressão não comensurável, pio rou pela democratização, quer dizer, educar gente educa da é muito fácil, um sujeito, que tem talento, estudar Engenharia é extremamente fácil; agora, pegar um sujeito

do povo e fazer um médico, engenheiro, geólogo dele, realmente difícil. O Formann se lembra, uma ocasião um dos alunos de nossa escola de Geologia pediu bolsa pa ra não pagar anuidade. A anuidade era de trinta contos. Eu fui vendo por ai dois contos e tanto por mês. Então , peguei os processos e comecei a examinar: fulano de tal, pai estivador, mãe manicure, tudo assim. Então, uma coi sa que eu não tinha conseguido entender, que o vinha caindo todos os anos, aluno e professor, mas sobre tudo o aluno que não aprendia. Primeiro ele dava uma ex plicação que era cinema, era radio, era baile, essas coi sas todas, mas depois estava começando isso e acabei ver. do que não era. Eu me recordo do que me ocorreu em 19, meus pais deram uma festa muito grande para a classe, com baile, com orquestra, aquelas coisas todas. Não um colega meu que soubesse dançar, quer dizer, todos estu davam. Então, eu também não sabia (risos).

- F. Acho que é uma questão de prioridade, dança ainda era muito importante naquele tempo.
- O.L. Eu sei que a democratização exigiu isso e a democratização exigiu exigir exigiu exigiu exigiu exigiu exigiu exigiu exigiu exigiu exigir exigiu exig
- F. A base da indústria primária e secundária são os
- O.L. Por exemplo, a Austrália é um país elitista. Foi gente me lhor da Inglaterra, fecharam as portas para todo o man

do. Chegaram lá dois ou três chineses e agora está cheic deles. Você não sentiu o nível do padrão como é feito no Brasil, você não sentiu?

- F. Não, eles tem uma base, uma elite maravilha. Agora,o aus traliamo médio é grosso à beça.
- O.L. Você está de brincadeira.
- F. Muita secura. Fizeram aquela Opera House com dificuldades,
 a maioria era contra gastar dirheiro sem ter porquê.Casa
 de espetáculo para ópera , que barbaridade!!
- O.L. Fui assistir la umas construções, as estradas, aquela coi sa toda. Era outro padrão, a estrada toda de concreto ar mado, um concreto armado dessa altura, toda de ferro. A qui você vê alguma com ferro? Uma estrada de rodagem a qui é feita para durar? Aqui eles fazem para ...
- F. Isto é outro problema.
- A.C. A estrada dura dois anos.
- J.P. No Departamento de Produção Mineral não funcionou, de cer to modo, um centro, um laboratório de pesquisa?
- O.L. É, houve.

- P. Uma instituição universitária como centro de formação..?
- O.L. Era a única onde se formava, porque essa turma que estudou em Ouro Preto se formou, de fato, no Serviço Geológico e. Mineralógico, que eles não tinham mais o suficiente em Ouro Preto.
- F. São duas coisas : O Serviço Geológico e Mineralógico e depois o Departamento da Produção Mineral.
- J.P. O Departamento sucedeu o serviço.
- F. Ouro Preto teve uma época de muito trabalho, muita publicação, depois é que foi diminuindo, diminuindo e acabou.
- J.P. O Departamento foi inagurado em que ano ?
- O.L. Em 33.
- J.P. Agora, o Laboratório de Pesquisa do Departamento foi criado em 40 ?
- O.L. Mesma coisa, 33, era um laboratório de análises geológicas.
- F. Laboratório de Produção Mineral, me lembro bem.

- O.L. Em Ouro Preto, quando se criou o Departamento da Produção Mineral, que indicou o Fleury da Rocha, da Escola de Minas de Ouro Preto, ao Juarez Távora, fui eu.Ele não o conhecia.
- J.P. O Código de Minas não favoreceu de algum modo o desenvolvimento da Ciência ?
- O.L. Muito. Eu sou o suspeito, porque fui eu que fiz o código, mas desenvolveu a mineração, passou do zero para outra e tapa.
- F. Favoreceu a mineração, mas Pelúcio está perguntando se favoreceu o desenvolvimento da ciência?
- O.L. Favoreœu indiretamente . Quer dizer, ninguém queria explorar mina porque não tinha capital. Aquilo criou um sistema, tanto que as minerações foram feitas naquela época. Criou um mercado para a Geologia.
- Exato, justamente não foi criado um mercado específico para o engenheiro de minas, enquanto já existia específica camente o engenheiro de minas. Uma das razões da oposição contra a Geologia é que parte daquele mercado ia ser aberto aos geólogos. Então, os engenheiros de minas con cordaram em que se criasse o curso de Geologia desde que não se modificasse o código de Minas, ou seja, não se abrisse ao geólogo nenhuma facilidade ou chance de terum mercado cativo em termos de profissão.

- S.S. O senhor participou da elaboração do código de Minas ,

 aí já estava introduzida essa restrição aos geólocos ?
- O.L. O código de minas é em 34, os geólogos em 57.
- F. Quer dizer, como profissional legalmente regulamentado.
- O.L. Nos fazíamos questão que tivesse a carreira de geólogo.

 Minha primeira experiência de Escola de Engenharia, quando eu quis fazer de todo alumo um geólogo e não consegui, porque nestes quarenta anos eu só fiz o Portocarre ro que citei e que fez Matemática, os outros ficavam como assistentes, mas sentiam-se tão mal que saiam e os que ficaram são analfabetos até hoje.
- A.C. Assim o senhor pode contar nos dedos o número de geólogos que apareceram nesses anos que trabalhou lá?
- O.L. Definição: geólogo é o que trabalha com Geologia ou o que faz Geologia, que é um pouco diferente. Vou explicar para você a razão porque os geólogos têm que ficar independentes, é porque eu fiquei convencido de que o engenheiro de minas é um engenheiro, isto é, é o oposto do geólogo. Que tem raciocánio geométrico e utiliza mais cálculo não pode fazer Geologia e vice-versa. Uma exceção é o sujeito fazer Geologia e um pouquirho de Engentaria, mas é exceção, no geral faz só Geologia. O caso

do Glaycon, ótima figura, que é um sujeito excepcional, de talento e não afina com Geologia. Um outro exemplo é

- F. Costa Nunes ?
- O.L. Costa Nunes. O Costa Nunes tem uma companhia de

 Quer dizer, trabalha sobre Ele não tem noção do que seja Geologia. É daqueles que se amarra na terra para fazer muralha e, de vez em quando, cai.
- s.s. Probabilidade.
- O.L. É engraçado, é um sujeito inteligente, o filho dele estuda Geologia.

OBSERVAÇÃO:

A partir deste ponto, impossível transcrição com grava dor cassete.

2a. ENTREVISTA - 09/12/76

- S.S. Queremos ter uma visão geral do desenvolvimento das diversas áreas científicas. A área de Geociências tem, tal vez, uma peculiaridade, porque ela se desenvolveu muito mais junto às instituições de tipo aplicado, como o Ser viço Geológico, do que propriamente às universidade. Isso cria uma característica, uma situação especial que diferencia as Geociências de outras áreas mais estritamente acadêmicas, como a Física, a Engenharia. Costaríamos de começar a conversa de hoje por esse lado.
- O.L. Talvez pudéssemos começar pela parte da universidade.
- S.S. Das universidades, exato.
- O.L. E depois ver a parte da aplicação. Eu não sei se seria aplicação. Por exemplo, o Museu Nacional hoje pertence à universidade, mas era independente e só foi incorpora do à universidade porque estava um regime de terremoto lá dentro.
- S.S. Isto foi em que ano?
- O.L. Foi quando Leitão da Cunha era Ministro. Não πε recordo o ano.
- S.S. 45, por ai?

- O.L. Foi depois do Getúlio. O Getúlio caiu no fim da guerra, não é ?
- S.S. 45. Deve ter sido 46, por aí. O senhor foi Diretor do Mu seu Nacional em certo momento ?
- O.L. Eu fui eleito Diretor quanco havia uma briga louca. Então, eu me esquivei da briga. Fui convocado para a Diretoria do material bélico, por causa da guerra, de maneira que nunca cheguei a
- s.s. A exercer ?
- O.L. É, porque houve eleições na época em que a Da. Heloisa

 Torres era a ditadora do Miseu na época da ditadura, ca

 da diretor era um ditadorzinho pequeno e ela enxertou na

 ata que um contínuo tinha votado. Como ela conseguiu fa

 zer isso ninguém entendeu. Depois houve uma comissão de

 inquérito, mas foi um barulho louco, porque a turma se

 dividiu em duas. Aquilo já era pessimo, com a divisão en

 tão ficou anulado completamente. Eu tenho a impressão que

 até hoje o Museu não se reabilitou.
- S.S. O Museu era uma instituição mais aplicada ou mais básica?
- O.L. Era mais basica.

S.S. - E que tipo de relacionamento havia entre o Museu e a universidade antes dessa crise, digamos, nos anos trinta, ou mesmo nessa época ?

Tinham muitos diretores do Museu ou chefes de divisão de Geologia e Mineralogia que eram professores também da Escola Militar. Justamente, como está se comemorando es te mês um século da formatura do primeiro engenheiro de minas do Rio de Janeiro, eu estive escrevendo a noite passada, estava até corrigindo agora, uma notinha sobre essa efeméride, e, se vocês tiverem tempo, eu poderia ler, dá uns seis ou sete minutos.

s.s. - Perfeito.

O.L.

O.L. - O que eu não tenho é cópia para deixar com vocês. Podia copiá-la depois, vou passar a limpo, porque assim dá uma idéia muito resumida dos 166 anos de ensino da Geologia e da Mineralogia no Rio, quer dizer, é uma das mais antigas do Brasil, é curioso. Então, posso ler?

s.s. - Pode.

O.L. - Eu vou ler na Sociedade Brasileira de Geologia na semana que vem ou, se não estiver aqui no Rio, vou pedir para o professor Andrade Pamos que leia. "Sensata é a observação de Otávio Tarquino de Souza de que a fundação da Aca

demia Científica do Rio de Janeiro, em 1771, é o indício seguro de que havia chegado ao Brasil colonial os ecos da filosofia da ilustração. Não era a nossa Academia um decalque da Academia de Ciências de Lisboa, pois esta só foi criada uma dúzia de anos mais tarde, pela iniciativa de Domingos Vandelli. Era, sim, um anseio espontâneo e nativo de cultura. Todavia, como a expressão científica soasse mal no ambiente amorfo da colônio, a Academia Científica transformou-se, em 1786, em Sociedade Literária do Rio de Janeiro. Continua, entretanto, a interessar-se pelas questões científicas, como a energia quotérmica; o fogo central; o eclipse total da lua de 03/02/1787 no Rio; a extração do álcool da raiz do sapê, etc...

Vicente Coelho de Seabra Silva Teles, natural de Congonhas do Campo, que foi eleito substituto de Mineralogia na Universidade de Coimbra, edita o seu "Elementos de Química". Essa publicação, de 1787, dá notícia das pedras preciosas brasileiras e de suas minas. Transferindo estrategicamente, em 1807, a corte de Lisboa para o Rio de Janeiro, o Príncipe Regente arrasta consigo uma ara gem benfazeja. Entre os tesouros que carrega para o Brasil está a Coleção Mineralógica de Papt Von Oheim, professor na velha academia de Freyberg. Essa coleção, clas sificada e descrita em livro por Abraham Cottlob Werner, o fundador da Geociência na Alemanha, era tão notável que

estava incluída na lista das preciosidades que Napoleão incumbe o general Junot de confiscar. A coleção é guarda da no Rio, na Casa do Trem, na Ponta do Calabouço. Para conservá-lo, o Ministro da Guerra. D. Podrigo de Souza Coutinho, transfere, em 1810, de Lisboa para o Rio, o Sargento-mor, Barão Guilherme Luiz Von Eschwege, que passa a dirigir o Gabinete Mineralógico sob as ordens do Tenente-General Napion, mas é enviado, em 1811, pelo con de de Linhares, a fazer uma viagem mineralógica à Capitania de Minas Gerais e acaba ficando por lá durante 11 anos.

Na Academia Real Militar, criada pela Carta Régia de 04 de dezembro de 1810, ensinam Mineralogia, sucessivamente, Frei José da Costa Azevedo, João da Silveira Caldeira , Frei Custódio Alves Serrão, Frederico Leopoldo César Bur lamaqui e Guilherme Schüch, barão de Capanema, figuras to das muito ilustres e que colaboraram com o Museu Imperi al. Com exceção do Brigadeiro Burlamaqui, os demais gra duaram-se na Europa. Alguns deles foram alunos do Abade Hamy, em Paris. Quando a Academia é desdobrada, em 1858, Capanema passa à nova Escola Central, e tem sob sua res ponsabilidade os cursos de Engenharia Civil e de Ciências Naturais. Pela reforma de 1860, o curso de Engenharia Civil é feito em cinco anos. No curso básico, havia cadeira de Mineralogia e Geologia e no curso tar, a de Montanhistica e Metalurgia. Na reforma de 1863, o curso é estendido para seis anos. A cadeira de Minera

logia fica na quinta série e a de Montanhística é suprimida. Com a radical reestruturação de 1874, do preclaro estadista Visconde do Rio Branco, os cursos militares isolam-se na Escola Militar e os civis na Escola Politéc nica, só então inteiramente desmilitarizados.

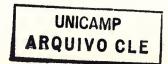
Para que o Brasil pudesse acompanhar a revolução científica, tecnológica e industrial criam-se na Politécnica seis cursos:

- 19) de Ciências Físicas e Naturais;
- 29) de Ciências Físicas e Matemáticas ;
- 39) de Engenheiros e Geógrafos;
- 49) de Engenheiros Civis;
- 59) de Engenheiros de Minas;
- 69) de Artes e Manufaturas.

No curso Geral comum lecionava-se noções gerais de Mine logia; nos cursos de Engenharia de Minas, as cadeiras de Mineralogia, Geologia e de Exploração de Minas e Máquinas Aplicadas nas Minas. A Escola possuia 26 catedráticos, 10 substitutos, oito professores de Desenho e dois professores contratados na França.

2

Em dezembro de 1876, há um século portanto, graduava-se na Escola Politécnica o primeiro engenheiro de Minas di



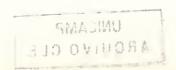
plomado no Brasil, Manuel Timótheo da Costa, que seria professor catedrático de Exploração de Minas.

Entre outros engenheiros de Minas formados na Politécnica, lembraremos: Oliveira Murtinho (1878); Paulo de Frontin (1879); A.J. Pânsphino; João Manhães Barreto (1882); Teixeira Mendes; Correia da Costa e Stalislau Bousquet. Francisco de Paula Oliveira gradua-se na mesma Escola como engenheiro geógrafo, em 1875, e, aproveitando as bolsas de estudo oferecidas pela Escola de Minas de Ouro Preto, fundada em 1876, para ali se transfere e conclui o curso em 1878.

Ao ser comemorado, em 1924, o cinquentenário da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o diretor Paulo de Frotin, relembra que a nossa Escola é o ramo troncal da Academia Militar, fundada a 04 de dezembro de 1810, por D.João VI, a qual é, por sua vez, oriunda da criação, pelo Monge de, da Escola Politécnica de Paris, em 1795.

A proporção entre o número de engenheiro de Minas e de engenheiro civis formados na Politécnica é de um para 20 e até para 50.

Com o advento da Pepública, a Politécnica é vitima da reforma retroativa de 22 de novembro de 1890, do Ministro de Instrução, Tenente-Coronel Benjamin Constant Botelho



de Magalhães, que reduz os seis cursos para dois; o de Engenharia Civil, para onde aflui a quase totalidade dos alunos, e o de Engenharia Industrial. O curso de Minas é extinto.

Em 1958, o Ministro Clovis Salgado cria o curso de Geologia do Rio de Janeiro subordinado, como os de São Paulo, Porto Alegre, Ouro Preto e Recife, à Campanha de Forma ção de Geólogos. O curso ganha a categoria de Escola Nacional de Geologia e, pela reforma Muniz de Aragão, é in corporado ao Instituto de Geociência da Universidade Federal do Rio de Janeiro. De 1961 a 1976, formaram-se nessa Universidade mais de 370 geólogos, mas o que o Rio de Janeiro tem a orgulhar-se é que o ensino de Mineralogia e Geologia está comemorando 166 anos".

Quer dizer que foi no Rio de Janeiro que se desenvolveu a primeira linha de ensino de Mineralogia e Geologia. Até 1858 era na Escola Militar e até 1874 na Escola Central, mas a própria Escola Central era militarizada. Então, to dos os engenheiros civis, inclusive os que faziam Geologia e Mineração, eram formados pelas Escolas Militares, não havendo formação de engenheiros civis. Só com a reforma do Visconde do Rio Branco, em 1874, é que vieram cursos civis autônomos.

O.L.		Profissionais.
------	--	----------------

- S.S. Não havia formação de pesquisadores ?
- O.L. Não. Com o curso de 1874 é que se deu o título de bacha rel em Ciências Físicas e Naturais.
- S.S. Isso implicava em que conteúdo de informação para eles ?
- O.L. Em vez de serem cinco anos eram quatro equivalentes às faculdades de Filosofia.
- S.S. Filosofia ?
- O.L. E. Formavam físicos, astrônomos, etc.
- S.S. Certo.
- O.L. Muitos geólogos.
- S.S. Eu conheço poucos dados de conteúdo, mas sei que havia um debate no século XIX, entre várias correntes de Geologia. Havia uma corrente Plutonista e uma

Z,

- O.L. Bom, isso era mundial .
- S.S. Mundial ?

- o.L. A corrente alemã era liderada pelo Abraham Cottlob Werner, que foi o fundador da Mineralogia e da Geologia alemães. Agora, o Werner, como todo alemão, era muito rígido. Ele verificou que, na Alemanha, no Vale do Reno, as camadas de Basalto estavam interestratificadas com os Arenitos e conclui que se o Arenito é sedimentar, o Basalto, que está no meio, também é sedimentar, não percebendo que o Basalto havia penetrado. Enquanto que na Inglaterra, como o Basalto cortava as rochas sedimentares, formando os diques, foi fácil aos geólogos ingleses afir marem que o Basalto era uma rocha ígrea. A escola Pluto nista em oposição à escola Metonista.
- s.s. Metonista.
- O.L. Durante um século essas duas escolas se defrontaram.
- S.S. Esse debate no Brasil tinha alguma repercussão? Tinha gente trabalhando nesse campo?
- O.L. Chegou, porque o Eschwege foi o principal na Geologia de 1810 até 1821.
- s.s. E era da escola alemã ?
- O.L. Era da escola alemã.

- S.S. Certo.
- O.L. Porque, na época da Regência de D.Pedro I, esteve aqui um outro geólogo famosíssimo. Chamava-se Martius.
- S.S. Von Martius.
- 0.L. Mas ele era tão famoso como botânico, que a Botânica con nubilou por completo a Geologia e a Mineralogia.
- S.S. A propria formação do José Bonifácio era alema também ?
- O.L. É mais completa. Ele começou a estudar no Rio de Janeiro com um padre famoso, que esqueço o nome de repente. Para completar seus estudos foi para Lisboa, fez o curso de Coimbra e percorreu a Europa durante dez anos. Primeiro foi a Paris, estudou no Museu de História Natural de Paris chamado, depois para Freyberg na Alemanha; Suécia e Itália. Ele percorreu os vários países , participando das várias escolas.
- S.S. Exato.
- O.L. Teve uma largueza muito maior, porque não tinha estuda do só na Alemanha. Quando Intendente Geral das Minas e Metalurgia do Peino de Portugal, trouxe da Alemanha co quatro famosos engenheiros de minas que eram o Eschwege, o Me dá uma inibição completa o negócio de falar.

- S.S. Vê se esqueœ isso.
- Varnhagem e mais cois outros, que trabalharam com O.L. em Geologia e Metalurgia. O José Bonifácio sempre ficou muito tempo em picuinhas com os dois lados. Eschwege quan do esteve aqui no Brasil foi o diabo, quis ficar no Rio para bajular a Corte. Depois foi mandado por Linhares a Minas para fazer um panorama mineralógico; funda a mine ração da Mina da Passagem e uma ferraria em Congonhas do Campo, mas sempre brigando com os brasileiros. O dente Câmara, que se formou na Europa junto com José Eo nifacio e que acompanhou naquela excursão de dez anos , fundou a siderúrgica perto de Conceição, como se va ? Quis construir grandes alto formos nas nascentes do Rio Doce, mas não teve recursos suficientes e o Eschwege fez as maiores picuinhas possíveis contra o Intendente Ca mara. O Eschwege não quis lecionar, preferiu ficar mineração e, quando vinha ao Rio, era só para a princesa Leopoldina. Quando D.João VI voltou para Por tugal, ele quis acompanhá-lo. Era um sujeito realmenteim portante como geólogo, engenheiro de minas e geógrafo, mas parece que o caráter era muito a desejar.
- S.S. No período mais recente, o que aconteceu com a Geologia?
- O.L. Eu gostaria que perguntasse bem.

- S.S. No quadro da transformação que houve aqui no Rio de Janeiro, por exemplo, pensando em todo o grupo que nos já conversamos, no Amoroso Costa, na Universidade, etc....
- O.L. Essa fase moderna.
- S.S. Que tentou fazer toda uma modificação no ensino, na Politécnica, etc.
- O.L. Mas no passado houve. O grande none de Geologia do sécu lo passado foi o Barão de Capanema, o Guilherme Schüch . Ele era filho do Me falta o primeiro nome do pai dele que veio como bibliotecário e conservador da Cole ção Mineralógica da Princesa Leopoldina. Depois foi ra Ouro Preto montar uma fábrica de ferro, que realmente foi montada pelo Esciwege e que foi a glória, como tudo que o Eschwege fez. Ele se apaixonou tanto pelo que deixou um donativo para se mandar engenheiros brasi leiros se aperfeiçoarem no estrangeiro e mandou o filho, que era formado na Escola Central, completar o curso de Minas em Viena. Capanema foi diretor do Telégrafo e real mente notável como geólogo. O seu trabalho mais foi a contradição da Teoria de Glaciação de Agassiz. Agas siz fez um sucesso mundial porque descobriu que as chas na base dos Alpes são de origem glacial e que tinha havido uma fase, na época quaternária, em que o gelo ir.

vadiu desde a Escandinavia até a Suiça, pegando toda Alemanha. Depois foi para os Estados Unidos e que também na América do Norte tudo foi coberto pelo qe lo, quer dizer , foi quem revelou a grande Glaciação Qua temária. Fez tanto sucesso que o imperador D.Pedro II, após ler os seus trabalhos, convida-o para vir ao Brasil. Nessa época ele estava como diretor do Museu de Zoologia Comparada de Harvard. Veio ao Brasil e concluiu que tudo aqui também tinha sofrido a glaciação. Sua conclusão ba seava-se no seguinte : na Tijuca, nas Furnas chamadas de Agassiz, ele identificou blocos enormes de granito lado de blocos pretos de uma rocha chamada Granito Preto da Tijuca - embora não tenha nada de granito - e que só podia estar ali trazido pelo gelo, não percebendo que, nu ma encosta, os blocos se formaram pouco mais acima, escor regaram para o fundo do vale e que estão no meio da ar gila porque na decomposição tropical, muito intensa, os blocos residuais. Quer dizer, a rocha se fendia for mando os blocos quadrados, não redondos, que iam se æ compondo nos ângulos, mais fortemente nas arestas, e œ. pois formavam aqueles bolos ou blocos. Isto é muito fā cil de se observar nesta estrada para Petropolis, eles cortam com as máquinas aqueles morros de argila de saibro e que ficam sobrando aqueles bolos redondinhos. De fato, sem uma observação maior, é um pouco dificil, mas o Capanema verificou que era decomposição e fez uma conferência notabilissima, chamada: "Decomposição dos Pe

nedos do Brasil", onde contradiz, por completo, a teoria de Agassiz. O professor canadense, Frederic Hartt, que veio para o Brasil na comissão de Agassiz, também compartilhou da opinião de Agassiz, mas cedo verificou que ele estava errado e endossou a hipótese do Barão de Capanema. Mas, nessa época, também havia outros engenheiros militares que foram grandes geólogos, como Coutinho, que des cobriu as camadas carboníferas da Amazônia e foi um dos fundadores do Clube de Engenharia.

- S.S. Quer dizer, são pessoas sempre com qualidades individu ais. Não há uma escola, não há uma tradição de trabalho?
- O.L. Aliás, até a minha geração, todo mundo sofre de individualismo. A rigor, essa fase não individualista começa com as Faculdades de Filosofia, onde já há grupos especializados em cada setor: Astronomia, Geologia, Geografia, História, tudo isso. Esses próprios que eu falei agora, o Laboriau, o Amoroso Costa, etc. Eram profundamente individualistas.
- S.S. Em seu currículo consta que o Sr. participou da fundação da Associação Brasileira de Educação e que teve papel importante na criação de universidades.
- O.L. Tive, muito importante, pelo seguinte : só se falava em instrução e não em educação. Como a instrução veio com

regimes militares era uma coisa rigida. Primeiro era o seguinte: formava-se o médico, o bacharel e o engenheiro, completamente estanques, entre eles não havia nada. Ora, a vida é continua, então não se permitia: O sujeito era engenheiro ferroviário montado sobre os trilhos.

S.S. - E a Associação ?

- O.L. Em primeiro lugar, não havia universidades. Mesmo quando foi criada a Universidade do Rio de Janeiro, as escolas não se juntaram, ficaram completamente separadas umas das outras. Eu fazia sempre uma brincadeira: pegava um professor de determinada escola e pedia que dissesse dez no mes de professores das outras escolas. Não havia ninguém que dissesse, praticamente ninguém. Até hoje as escolas continuam isoladas na ilha como se fossem um arquipélaço. Também, a mentalidade de quem planejou a Universidade, que foi o engenheiro Horta Barbosa. Ele não quis fazer os Instituto como eu propus e jogou as escolas muito lon ge e, até hoje, não tem transporte de uma para outra.
- S.S. Qual foi o papel da Associação nessa época ? O que a Associação fazia ?
- O.L. Ela fazia reuniões todas as semanas do Conselho Diretor e das Seções de Ensino Superior, Ensino Secundário e Ensino Profissional. Cada setor estudava os assuntos e de

batia em comum. Um dos assuntos principais durante mui tos anos e sobre a qual a Associação publicou até um trabalho grande com entrevistas de vários professores no táveis foi a necessidade da criação de universidades; ou tro foi a necessidade de criar o Ministério de Educação e ajudou a criar os cursos de extensão universitária. Por exemplo, na Escola Politécnica, que era mais central, no Largo de São Francisco, eu fiquei encarregado desses cur sos e chegamos a fazer de cem a duzentas conferências por ano. De tarde, no Largo de São Francisco, os carros para vam ali, a maioria do pessoal ia de bonde ou de ônibus, não havia este atorcoamento de hoje. Era impressionente a frequência, sempre o auditório ficava completamente cheio. Era curioso que até garçons dos cafés iam assis tir permanentemente às conferências, com vontade de ter ilustração e que eu cito neste trabalhinho aí sobre Aca demias Científicas de 1771.

s.s. - 1771 ?

O.L. - 71.

S.S. - Quem mais estava na Associação naquela época ? O sr. lem bra de alguns nomes ?

O.L. - Bem, o fundador da Associação Brasileira de Educação foi Heitor Lira da Silva, que tinha sido Secretário de Educa

ção. A primeira foi criada no Brasil, no Rio Grande do Norte, no governo de Foi um grande educador também, Bezerra de Menezes, que foi deputado a vinda inteira. Ele era o sujeito mais hamana, não me recordo o primeiro nome dele, José Então o Lira, que era formado na Escola de Engenharia, reuniu seus colegas de turma, da qual faziam parte o Amoroso Costa ;o Bacoiser; o Lino Sa Perreira; posteriormente Ferdinand Laboriau ; os irmãos Osório, sobretudo o Álvaro Osório e a Osório de Almeida Fialho; Virmã do Almirante Alvaro Alber to ; que é uma educadora também famosa , Amandina Álvaro Alberto, casada com o Siqueira Mendonça; o Júlio Porto Carrero, que introduziu a psicanálise no Brasil. Deixa ver, tem uma porção de outros, a Laura Jacobina Lacombe, o Carlos Gregório de Carvalho.

- S.S. Da Escola de Manguinhos, havia gente também ? Não havia participação de alguém ?.
- O.L. Não. Na Associação Brasileira de Educação, não. Tinham na Academia de Ciências, sobretudo um homem de uma família francesa, notabilíssimo, o Henrique Beaurepaire de Aragão. Ele tinha uma influência muito grande sobre todos, era um verdadeiro líder.
- S.S. Estas idéias que o sr. está nos contando da Associação Brasileira de Educação, na época, eram coisas polemicas, eram coisas novas, diferentes ?

- O.L. Eram. Havia sempre polêmicas.
- S.S. Havia oposição ?
- O.L. Havia oposição e muito interessante. A coosição....
- S.S. Como era o debate ?

O.L.

Eram realmente abertos. Tudo era aberto. Nos convidáva mos essa gente que formava um grupo muito conservador , que era chamado de católico em oposição ao grupo liberal, que era chamado de comunista, embora não fosse. Não acre dito que nenhum fosse comunistad. Por exemplo, o Anísio Teixeira, que era um dos mais indicados como comunista, ele era formado na Universidade de Columbia e o que ele era é profundamente democrático. Este foi, de fato, dos maiores educadores do Brasil. Esta grupo era formado por pessoas de São Paulo e do Rio. Em São Paulo tinha o Berto São Lourenço Filho e o Fernando de Azevedo. Aqui c Anísio Teixeira era o grupo principal que mexia com. edu cação. Nos nos articulávamos muito com São Paulo, tanto que toda essa campanha para a criação das Faculdades de Filosofia; da Universidade; do Ministério de Educação , foram feitas em conjunto. As Faculdades de Filosofia de São Paulo e do Rio brigaram juntas para ver guem primeiro e nós dávamos todo apoio, espicaçávamos. São Paulo espicaçado pelo Rio a sair primeiro. São Paulo foi criada no governo do Armando de Salles Oliveira, que era

um estadista também de primeirissima classe e foi entre gue a sua organização a um professor de Matemática.

- s.s. Theodoro Ramos.
- O.L. Theodoro Ramos, que contratou uma série de professores na França e na Itália, daí que deslanchou uma faculdade de primeira classe.
- s.s. No Rio não aconteceu isso?
- Aconteceu com professores estrangeiros também, mas acon O.L. tece que a Universidade de São Paulo é uma universidade autônoma, estadual, enquanto que no Rio é presa a cracia infinita, que continua até hoje. Para mostrar emperramento dessa burocracia eu posso citar o dos cursos de Geologia. Quando o Ministro Clovis Salgado, em 57, criou esses cursos, primeiro ele criou uma Comis são para programar os cursos de Geologia, para saber em que níveis deviam existim, se em vários níveis, em um so, de que maneira. De modo geral no mundo, a Geologia, como a Botânica e a Zoologia, eram opções nas Faculdades æ Ciências, davam o título de bacharel em Geologia, rel em Zoologia, ou bacharel em Ciências de modo geral, mas como chegamos muito atrasados, eu insistia para desse curso autônomo com um título profissional de manei ra que ce emprego. O sujeito não ficar como filósofo, só

teoria, os astronomos etc., aí que não tem carreira O Ministro concordou, então foi proposta, nesse tempo, a criação dos primeiros quatros cursos de Geologia, liga dos diretamente à Carpanha de Formação de Geólogos, a cha mada CAGE e depois, no ano seguinte, mais dois, o do Rio e o da Bahia. Nos insistíamos em ficar fora da Universi dade na fase de organização, porque era impossível uma feição nova no regime burocrático que permanecia. Por exemplo, nos insistimos com o Ministro e ele aceitou per feitamente bem, não só ele como diretor do Ensino Supe rior, o Jurandir Lody, que era considerado conservador, mas de fato era um sujeito bastante aberto, só que que ele nunca tinha saído de Minas e do Rio e nunca ti nha visitado uma Universidade estrangeira. A Geologia é feita no campo, de maneira que sem o ensino prático não era possível dar Geologia. Ia formar, então, doutor.Para criar o curso, quer dizer, a CACE comprou os quatro pri meiros ônibus fabricados pela Mercedes Benz, esses mono blocos, os primeiros de toda a série. Então, criou-se c curso e começou o trabalho de campo desde o primeiro ana Hoje em São Paulo temos trinta viaturas. A do Rio, depois que foi incorporada pela reforma Muniz de Aragão à Uni versidade, não tem onibus, de maneira que o curso do Ric de Janeiro, que era o melhor do Brasil, hoje é um ದಂತ piores.

O sr. atribui isso à burocracia que emperra ?

S.S.

- O.L. A burocracia. È inacreditavel o que a burocracia pode fa zer, quer dizer, não distinguizo bom do ruim.
- S.S. Voltando à Associação, o sr. tinha falado que havia um grupo católico que se opunha
- 0.L. Mas isso era porque a corrente conservadora ...

Apenas a Laura Jacobina Lacombe, o grupo dela era muito católico, aliás é até hoje, mas era um catolicismo absolutamente normal, não era nada exagerado. E de comunista também não tinha nada, apenas era liberal, mas sempre no Brasil, em todos os tempos, os liberais ficaram entre a cruz e a caldeirinha, culpados dos dois lados. Continua até hoje.

- N.X. O sr. falou que os irmãos Osório participaram também da Associação. Eles não eram ligados a Manguinhos ?
- O.L. O Miguel Osório era ligado a Manguinhos, mas o Miguel era o que mexia menos na Associação Brasileira de Educação, porque sempre ele observou que: "Vocês fizeram a Associação Brasileira de Educação no tipo francês, mas a menta lidade brasileira não aguenta esse nível. Daqui a poucos anos, vocês largam. Isso aqui vai cair na mão da medio cridade". E, de fato, anos depois quase que desapareceu a Associação Brasileira de Educação. De vez em quando tem

um ou outro que puxa para diante. Agora nesse momento, tem o Benjamim Aldaguia, sujeito de primeira classe, que está puxando.

- S.S. A Associação continua existindo ?
- O.L. Mas a Associação Brasileira de Educação tinha um prestigio tremendo!
- S.S. Ah! Continua funcionardo a Associação ?
- O.L. Continua. Hoje funciona na Fundação .
- S.S. É ? Eu não sabia disto.
- M.B. Como é que foi dentro da Associação a criação da Universidade do Distrito Federal ?
- O.L. Ela não era dentro dela, quer dizer, ela fazia o bloco da onda. Ela mandava as notícias para os jornais, fazia conferências e reuniões que eram abertas.
- M.B. Esse movimento geral foi por parte de algum dos membros da Associação, quer dizer, foi ideia de um membro da Associação?
- O.L. Era praticamente ideia de todos e aproveitando o ambien te. Por exemplo, no caso da Universidade do Distrito $F_{\underline{e}}$ deral, eu acho que foi o Anísio Teixeira o principal ,

não foi ? Eu adho que foi. Depois veio como Reitor, o Afonso Penna Junior e como diretor da Escola de Ciências, O Roberto Marinho de Azevedo, que era professor da Escola de Engenharia. Esse grupo da Politécnica ...de atuação. Talvez o líder deles todos, o mais atvante, foi Ferdinand Laboriau, que morreu naquele desastre do Santos Dumont com o Tobias Moscoso. O Tobias Moscoso era outro que também era muito atuante, era diretor da Escola de Engenharia.

- N.X. E ele participou também da Associação ?
- O.L. Participou.
- N.X. O Tobias Moscoso ?
- O.L. É.
- N.X. O sr. disse que o ambiente proporciona a criação da Universidade do Distrito Federal. Que ambiente é este? Como efervescia na época ?
- O.L. Por exemplo, não sei se se chamava Seção ou Divisão do .

 Ensino Superior na Associação Brasileira de Educação, nós nos reuníamos para discutir todos os problemas. Esse Le partamento convidava todos que pudessem dar um palpite .

Então fazia-se uma enda no mesmo sentido. A ABE ela cria va um ambiente catalizador, claramente catalizador, por que não era $\underline{\Lambda}$ ou de \underline{B} .

- M.B. Estes dois grupos participaram da criação da Universidade ?
- O.L. Participaram.
- S.S. A nossa pergunta
- O.L. A gente discordava nas discussões, mas éramos muito ami gos. Éramos de fato. Duas mulheres que brigavam, que eram a e a Laura Lacombe. Todas duas eram excelentes, excelentes mesmo.
- S.S. A nossa dúvida é um pouco assim : porque isso ocorre nes sa época e não ocorre antes, nem depois ? O que que ha via naquela época que permitia isso ?
- N.X. Inclusive a Associação já vem desde 20 lutando, todo mum do se organizando, porque que floresce, naquele momento, São Paulo e Rio ?
- O.L. O negócio quando chega a
- S.S. Pois é, às vezes as coisas não tem explicação.

O.L. -

Não. Deve-se procurar. Primeiro, a comunicação mais fácil do Rio para São Paulo, com os trens mais rápidos, melho res. Eu me recordo quando dirigi os cursos de extensão u niversitária da Universidade, aqui na Escola Politécnica, na Universidade do Brasil, eu trouve os melhores elemen tos de São Paulo, de todas as Escolas. Todos eles vinham com prazer, era uma necessidade, porque o Rio era o cen tro do Brasil de fato e São Paulo tornando-se uma potên cia. Os melhores professores de São Paulo vieram ∞ m um prazer imenso e ainda mais, nos não pagávamos perma nência, nem coisa nenhuma, só prometíamos fazer bastante anúncio para o auditório ficar cheio. E começou a cracia. A Universidade exigiu que o programa fosse apro vado com antecedência pelo Conselho Universitário. Então, não foi possível fazer. Eu parei, acabou a extensão uni versitária. Eu não podia exigir que esse pessoal obede cesse a uma regra rigida e tal, tal, se não se pagava coisa nenhuma, não tinha um tostão de recurso para der fazer isso. Agora, funcionou que era uma maravilha e a Universidade do Distrito Federal, naquela época, fun cionou também que era uma maravilha sem recursos.

N.X. - Eu ia perguntar isso ao sr. como é que foi o funcionamento da Universidade ?

O.L. - Os diretores de escola tiveram a liberdade de convidar....

depois o Ministro Capanema, não era o Capanema da Escola

Central, quis fazer a Faculdade Nacional de Filosofia e fechou a outra. Caiu assim.

- M.B. Fechou simplesmente?
- N.X. Decretou?
- O.L. Eu sei que acabou. Da UDF, passei para a Nacional.
- N.X. Mas essa passagem dos professores foi automática?
- 0. L. Não.
- N.X. Como foi isso tudo ?
- O.L. Não. Foram sendo nomeados. Eu me recordo que um dia o Leitão da Cunha me telefonou: "se você não vier tomar pos se aqui hoje, vou lhe puxar pelas orelhas". "Nas posse de que ?" "Professor de Geologia da Faculdade de Filosofia ".
- S.S. Por essa época também havia uma Universidade Técnica no Brasil ?
- O.L. Uma Escola de Engenharia que ficou um período muito cur
 to, não chegou a funcionar. Era para transformar a Esco
 la de Engenharia em Universidade Técnica, mas não
- S.S. Que unia, inclusive, com a Escola de Minas de Ouro Proto ? Não Havia uma coisa assim ?

- O.L. Depois há uma fase seguinte que a Escola de Minas de Ou

 ro Preto ficou subordinada à Universidade Federal do Ric

 de Jareiro.
- S.S. Universidade do Brasil.
- O.L. Universidade do Brasil.
- N.X. Nessa época, à Universidade Técnica estaria ligada a Universidade de Minas, a Escola de Minas?
- Não, a Universidade Técnica foi bem antes. A Universidade O.L. de Ouro Preto, a Escola de Minas, foi o seguinte: ela foi sempre federal e estava, originariamente, ligada ao Minis tério de Agricultura, o setor de Geologia estava no nistério de Agricultura. E assim teve muitas dificuldades lá em Ouro Preto, porque ela se funcou pouco antes da ca pital ter mudado de Ouro Preto para Belio Horizonte, se mudou em 1896. O ministro Capanena achou que, para aumer. tar, podia colocar na Universidade do Brasil. A Universi dade do Brasil foi & criação dele, então deu o nome todas de Escolas Nacionais. Quis, também, que Escola Nacional de Minas e Metalurgia, então subordinou ao Rio de Janeiro, como hoje São Paulo, a Universidade Es tadual de São Paulo, tem uma porção de campus em vários lugares, escolas estaduais e escolas federais, como Rio Grande do Sul também tem a Escola Federal de

Maria da Boca do Monte. Agora, de modo geral, havia pou ca filosofia nesses trabalhos ministeriais. O Capanema, que era profundamente inteligente, quis fazer uma siste mática, mas um bocadinho, digamos, não sei propriamente, teórica. Se tivesse uma teoria, não é? Mas não.

- S.S. Quem é a grande cabeça dessas reformas, era o Capanema ou era o Francisco Campos, nessa época ?
- O.L. A cabeça era o Campos.
- S.S. Era o Campos inclusive nessa área educacional também ?
- O.L. É. Agora, o Campos tinha talento demais e faltava o resto. Ele fazia. Eu interpelei várias vezes o Chico Campos da reforma que ele tinha feito e ele próprio tinha des manchado. Ele dizia, com todo o cinismo, que não tinha im portância. Por que que ele, em relação ao ensino religio so, dizia Como é que ele, sendo completamente ateu aceitou o ensino religioso, mas não tem a menor importância, coisas assim. Agora, talento de machucar, de machucar mesmo. A reforma aqui do Rio de Janeiro, do Conco Campos, chamava de Chico taxas, porque ele criou as taxas, uma coisa até muito interessante. Ele achava que o ensino superior não podia ser gratuito porque era um ônue muito grande para o país, que era um ensino para elito. De maneira que não podia se fazer ensino secundário paço

e o ensino superior gratuito. Isso criou uma onda dos estudantes que fizeram uma porção de barulho. Pecordo que eu defendi o princípio do Chico Campos no Parlamento e fui enterrado na Avenida Rio Branco com todas as honras, porque eu era assistente. Fui o único assistente que te ve a honra de ser enterrado. O mais engraçado é que eu vinha num táxi, passei assim e vi aquela brincadeira toda, nunca supus que fosse comigo.

- S.S. Isso foi em que ano ? 37 ou antes ?
- O.L. Foi antes de 37, deve ter sido em 36. Em 37 houve a de sacumulação. Esta é de fato o grande choque, o golpe no ensino. Foi de fato. Está muito perto ainda para se poder
- s.s. A desacumulação ?
- O.L. A desacumulação. Quer dizer, o professor, quando entra para uma escola, começa a se especializar, se dedica de corpo e alma, ainda que ganhando uma miséria, porque é uma opção de intelectual. Então ele viaja, com os recursos compra livros, troca idéias, se corresponde e transmite aquela alma acs estudantes. Agora, como eles não podiam viver só de uma gratificação, que era o ensino particular e podia ser numa instituição do governo.Os mé

dicos, de modo geral, preferiam a clínica particular, en tão o título de professor da Faculdade de Medicina era um grande título profissional. É livre-docente da Escola, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com estágio na Universidade disto, daquilo outro. Aquilo era um car tão de visita para o médico, mas não para as outras faculdades. Então o que acontecia é que o professor de Astronomia tinha que forçosamente, trabalhar no Observatório Astronômico, do contrário onde ele poderia estudar Astronomia, fazer pesquisa? A mesma coisa o professor de Hidráulica, trabalhava na repartição de águas ou então no Departamento Nacional de Rios, Portos e Canais e assim por diante.

S.S. - Aí significava que na Universidade mesmo não havia lugar para pesquisa ? A Universidade era só aula ?

८ ∵ं इ विशेष

- O.L. Não tinha o menor recurso. Não tinha o menor recurso. A não ser a exceção da Química, onde houve uma fase em que a Escola de Engenharia fazia então foram e criados dois laboratório importantes de Química com professores estrangeiros.
- N.X. Quais são esse laboratórios, professor? Um é da produção mineral?
- O.L. Não esse é da Escola de Engenharia.Criou-se esse labora-

tório mais tarde, em 1908, também era chefiado por um professor inglês, Theofilus Lee.

- S.S. A pesquisa na área de Geologia se fazia, realmente, não na Universidade, mas fora, nos Serviços de Geologia, etc?
- C.L. Fazia-se, sobretudo, no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil.
- S.S. A partir de vinte e poucos ?
- O.L. Também. E um pouco no Museu.
- S.S. O Museu, com a desacumulação, perde?
- O.L. O pessoal sai, fica na Escola ou fica no Museu. De modo geral, o pessoal ficava no Museu.

FINAL DA FITA 1 - A

- S.S. Na desacumulação o sr. optou por ficar no Serviço ?
- O.L. Pelo Departamento da Produção Mineral.
- S.S. Na Produção Mineral. E deixou a Universidade ?
- O.L. Deixei.

- S.S. Nessa época estava ligado ao Museu, também?
- O.L. Não.
- S.S. Não ? O Museu foi depois ?
- O.L. Eu fui para o Museu primeiro como assistente gratuito , no tempo do Roquete Pinto que fez um apelo para nós o <u>a</u> judarmos.
- S.S. Nesse tempo o sr. ganhava menos no Serviço de Mineralo gia do que na Universidade ?
- O.L. Não me recordo, mas tenho a ideia que era.
- S.S. E, ne?
- O.L. Porque na Escola eu estava acumulando dois
- S.S. Qual era a lógica da Por que o sr.fez essa opção ?

 Foi a pesquisa ?
- O.L. Eu estou convencido, para ser franco, que foi a ditadura não querer intelectual. Intelectual sempre foi contra qualquer governo absolutista. Na Escola Poliécnica foram presos os Na Medicina, o Maurício de Medeiros que era um profissional notabilissimo, irmão do Medeiros de Abreu. No Pedro II, o Oiticica. Está vendo ? Falado as

sim, qualquer coisa assim. A turma que tinha ideal libe ral era afastada. Em toda história do Brasil é isso.

- S.S. Quer dizer, o sr. adia que a Lei de Desacumulação era , em certo sentido, uma espécie de esvaziar a Universidade?
- O.L. Eu tenho a impressão que foi o foi isto, né.Dentro da história de Napoleão, está vendo o homenzinho ? Tudo calculado.
- S.S. Agora
- O.L. E teve grande apoio da imprensa, porque era escândalo.

Porque o professor, antigamente, tinha um *status* muito alto. Ser professor de uma Universidade.... Para come çar, quando havia um concurso na Universidade, o Imperador ia assistir, sistematicamente.

- S.S. Claro.
- O.L. Até no Colégio Pedro II, também, tinha um nível muito alto. Aquelas aulas famosas do Capanema e dos outros, to da a família Imperial ia assistir. Conferências do Agas siz.
- S.S. Hum, hum.

: ::

- O.L. Hoje não tem. A Universidade hoje não tem a maior cota ção.
- S.S. O sr. poderia descrever para nós, um pouco, como e o que se fazia no Serviço Geológico. Que tipo de atividade ele desempenhava ? Como é que era o trabalho lá dentro ?
- Bom, na primeira fase do Serviço Geológico e Mineralógi O.L. ထ do Brasil, a idéia seria ထကျခုစr o mapa geológico ဂဲ Brasil até poder entender a base e, dentro desse quadro, estudar os setores de interesse econômico mais em evicên cia, como por exemplo, o carvao. Quer dizer, o mundo in teiro se desenvolvia industrialmente e todos sabiam que a Revolução Industrial foi baseada no carvão. Então, os países que tinham grandes reservas de carvão, como a lemanha, a Inglaterra, os Estados Unidos, superaram, pas saram a frente de todos os outros, longe, longe, ninguém podia acompanhar naturalmente. No Brasil a dificuldade e ra tremenda, porque só se conhecia carvão no sul do país e de qualidade muito inferior, realmente extremamente in ferior. Dai a idéia de se estudar bem para ver se assim se encontravam camadas melhores, de carvão melhor, em vo lume e que permitissem trabalho a céu aberto, etc.Porque, por exemplo, nos Estados Unidos, grande parte das minas de carvão são trabalhadas em œu aberto. A pesquisa petroleo também começou no Serviço Geológico e Mineraló gico procurando rochas betuminosas, vendo se havia condi ções de

Em relação ao problema do carvão, o Lauro Muller, quando ministro no começo do século, contratou um famoso geólo go americano, Israel White, que foi diretor do Service Geológico Estadual da Eastern Virgínia (Virgínia Ociden tal) que , na comissão de brasileiros, Francisco Paula de Oliveira e outros, pesquisaram toda a bacia sul do Brasil, tiraram conclusões muito seguras sobre a possibilidade ĉe carvão e negaram, por completo, a possibilidade de petró leo no sul do Brasil. Foi quem fez, foi autor da teoria de que o petróleo se acumula nas anticlinais, quer dizer, se o petróleo deriva de rochas orgânicas, do Sistema se dimentar sobretuco, ela se acumula na anticlinal, porque a água expulsa o petróleo das camadas mais baixas as camadas de cima. Então, numa estrutura anticlinal fe chada, em cima temos o gás, em segundo lugar, petróleo e depois, em baixo, a água salgada. Não havia, absolutamen te, condições tectônicas no sul do Brasil para ter petro leo. Depois de White, o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil sistematicamente estudou as possibilidades de ter carvão no norte do Brasil, sobretudo na Bacia Amazô nica. Era uma mania do Gonzaga de Campos, que foi substi tuto do Bergstrom na diretoria do Serviço Geológico do Eusébio de Oliveira no setor de petróleo.Quando Juarez Tavora foi ministro da Agricultura, em 1933, quis ampliar o Serviço Geológico que já estava muito obsoleto porque tinha muito pouco elemento. Inclu sive, os engenheiros de minas formados em Ouro Preto não faziam Geologia, todos eles foram para a Engenharia

vil.Então, ele criou o Departamento da Produção Mineral, separando o setor econômico do setor puramente científico. Copiando o esquema americano, ele deixou o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil como o Geological Survey e criou o Serviço de Fomento da Produção Mineral, que equivaleria ao Bureau

O Serviço Geológico continuou incumbido de fazer o mapezamento geológico e todos os tipos de Geologia e Pendotologia.

Começou a publicar uma série de e publicava, anual mente, um grande número de boletins, pegava os setores. Pegou tudo que havia sobre níquel no Brasil e extrapolou as possibilidades de níquel no Brasil em Goiás, etc.etc. e tal, que mereciam ser mais estudados ou trabalhados . Eu pequei o setor de chumbo e prata. Também fiz uns bo letins grossos sobre isso. Cada um pegou um setor assim. Esse Serviço de Fomento da Produção Mineral é que prepa rava os decretos de pesquisa e lavra de minas, que eram assinados pelo Presidente da República, então, passou a controlar e fiscalizar toda imensamente. Até então quer dizer, no tempo do Império, as minas eram concessão do Governo Federal. O Governo Imperial dava a concessão para as pesquisas e depois para a lavra. Com a ca foi incorporado o sub-solo à propriedade do solo, en tão a mineração acabou por completo. É curioso que a Fo

pública, em muitos setores, foi um atraso por completo. Primeiro dado: o que prevalecou na República foi mentalidade dos positivistas, que eram muito teóricos e muito quadrados naquela sistematização de Augustos Comte, e em todos os setores ela parou tudo, então a mineração parou também. Com a reforma do Juarez, tomou novo impul so e agora, modernamente, com esse desenvolvimento que o governo está forçando, porque não havia crédito ne nhum para a mineração, quer dizer, a mineração é um ris co dos piores , um dos piores possíveis. Eu me que havia uma fase que o Banco do Brasil proibia, por re gulamento, emprestar dinheiro ao jogo e a mineração. Pelo fato de ser jogo e ser aleatório é que exige mais finan ciamento do governo.

- S.S. Quer dizer que é um financiamento menos seguro ?
- O.L. É. É o menos seguro, mas é o que mais necessita porque é bem comum. Na plantação de batatas, o sujeito para de plantar e vai plantar em outro lugar, mas a mineração e xiste onde a natureza colocou e ninguém consegue mudăla.
- S.S. A qualidade , digamos , técnica desses trabalhos de mapea mento era adequada ?
- O.L. Na época era.

- S.S. Na época era ?
- O.L. É. Apenas hoje, com recursos, passou do ... tudo feito aéreo, não é?
- s.s. £.
- O.L. No nosso tempo era a cavalo.
- S.S. Mas as escola não davam a formação adequado para as pessoas ? Elas aprendiam ali mesmonoserviço ou conserviço era o lugar onde a pessoa?
- O.L. Cada um aprendia por si.
- S.S. Por si, né?
- O.L. Comprando um guia . Não havia facilidade de se mandar para o estrangeiro, muito poucos, muito raras. Essas bolas sas são todas modernas. No mundo inteiro são modernas.
- S.S. E quando vinha um técnico de fora, como o sr. mencionou?
- O.L. Sempre vinha fazer conferência. Que é uma conferência só?

 Por pouco, uns cinco ou seis anos. Ajudava muito, mas era pouco, não é ? Depois esses cientistas que vinham, alguns notáveis, encontravam o meio muito despreparado.

Por exemplo, o Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura mandou seus expoentes aqui para o Brasil, o Britânico também, prêmios Nobel.

- S.S. O sr. mencionou esse americano Hartt, quem era ?
- O.L. Hum?
- S.S. Que mostrou a impossibilidade de ter petróleo no sul
- O.L. Este foi Israel White.
- S.S. White. Agora, durante o trabalho havia brasileiros que trabalhavam junto com ele ?
- O.L. Trabalhavam.
- S.S. Que absorveram conhecimentos ?
- O.L. Uns quatro ou cinco.
- S.S. Hum, hum.
- O.L. E aproveitaram mesmo, aproveitaram imensamente. Agora ,

 não se pode censurar muito esse passado, porque o gover

 no, o Brasil é um país paupérrimo, de fato, e ...
- S.S. Certo.

O.L. - Havia quantas tentativas e não havia ambiente. Por exemplo, quando Martius esteve aqui, ele insistiu pela criação de uma Universidade do Brasil. Agora vai perguntar; "com que roupa?".

N.X. - Essa diferença cultura, entre os pesquisadores brasilei ros em Geologia e os estrangeiros, os europeus, já vem desde o século passado?

O.L. - Vem.

N.X. - Enunca houve alguém aqui no Brasil que se aproximasse , em qualidade, do pessoal?

O.L. - Não. Individualmente nós temos cente de primeira ordem, mas individualistas, que estudaram sozinhas ou estudaram na Europa por sí, porque tinham recursos da família. O ca so do Capanema, que o pai mandou, mas era realmente ra ro. Enquanto que nos Estados Unidos, por exemplo, ele tiveram as universidades. As universidades são muito precoces no Estados Unidos. Eu não me recordo que foi o presidente que criou uma lei que dava os grandes da funda ção das escolas estaduais. Cada escola tinha um donativo grande em terreno, que servia de base econômica para a Universidade. Aqui, só São Paulo é que fez uma Universidade estadual muito rica e depois fez aquele Fundo de Pequisa Científica, né?

- N.X. FAPESP Fundação de Amparo
- S.S. de Amparo à Pesquisa.
- N.X. de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
- O.L. É. É um tanto por cento da receita, não é?
- S.S. É, uns dois por cento.
- O.L. De maneira que deu. Hoje em dia está no estado de São

 Paulo uma das universidades mais ricas do mundo. A gente

 quando compara com o Rio de Janeiro, parece os Estados U

 nidos com o Brasil. Estão ganhando salários realmente al

 tos, mais altos que em qualquer parte do mundo, e com

 quantidade de trabalho
- N.X. Mas eles sempre reclamam.
- O.L. Mas não é số na capital de São Paulo. Hem?
- N.X. Eles sempre reclaman.
- O.L. É o tal negócio, todo mundo quer ganhar mais ainda, por que estão fazendo um ensino intensivo de primeira classe.



N.X. - Eles ficam reclamando que o Governo Federal não dá atenção a eles, que o Governo Federal só dá atenção ao Rio , que só tem a Universidade do Rio de Janeiro, e

O.L.

S.S.

Mas isso da saia da mamãe sempre existe, né ? O Rio Janeiro com todos os outros, mas também era um bocadinho ilusório, porque sempre se distribuia pessoal do inte rior e tinha quem defendesse, que o Rio não tinha.O Rio era terra de ninguém. Por exemplo, quando foram criados os cursos de Geologia, os primeiros quatro, o curso que devia ficar no centro foi colocado em Ouro Preto e no Rio de Jameiro, está me entendendo? No Rio de Jamei ro foi criado no ano seguinte, porque a turma daqui CO meçou a gritar, sobretudo o presidente do Clube de En genharia, o presidente do Conselho de Pesquisas, etc. En tão foi criado, mas foi criado sem verba. Retiraram UII: bocadinho daqui, um bocadinho daquela outra e nós fun cionavamos onde existia vaga, está entendendo? Funciona va uma parte na praia Vermelha, uma parte no Museu Nacio nal, outra na Escola de Engenharia, outra na Faculdade de Filosofia, foi assim. Mas tinha muita gente que vinha aqui fazer conferência, ja não iam tanto para São Paulo. O pessoal em São Paulo ia fazer negócio, não é?

É curioso isso, porque São Paulo, apesar de ser um certro de negócios, teve uma Universidade mais acadêmica, digamos, menos prática, pelo menos, menos imediatista acque no Rio, não é?

3.10 OVILLOPA

- O.L. Aí é o seguinte; é que esse país pragmático, no qual se inclui São Paulo, Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, etc. eles fizeram, sobretudo a pesquisa, a indústria to da, no sentido de produzir, mas a turma paulista de 400 anos, eles ficaram isolados, foram esses que fizeram a Universidade. Foi o Armando de Salles Oliveira, esse pes soal todo que são de famílias antingas paulistas. Enquan to que a turma que queria ganhar dinheiro não ia para a Universidade. Claramente, eu ...
- S.S. É outra gente, né?
- O.L. Hoje eu estou ganhando bem, mas naquela época não ganha va.
- N.X. Quando da fundação da Universidade de São Paulo, os pes quisadores, os professores que vieram para São Paulo ti nham um bom salário ?
- O.L. O professor estrangeiro ou vem com salário elevado, ou não vem. Tem essa alternativa.
- N.X. Čerto.
- O.L. E o Armando de Salles Oliveira, quando era governador, não sei se chamava presidente naquela época, deu carta bran

ca ao Theodoro Ramos, que escolheu gente de primeira, e ele pessoalmente, Armando Salles, deu todo apoio individual. Foi um estadista realmente excepcional, foi pena que morreu muito cedo. Era canditado a presidente da Fepública, teria sido um sujeito espetacular, não tenho a menor dúvida.

- N.X. Ele era candidato em que ano ?
- O.L. Como é ? Era aquele da Paraíba pelo Norte e ele por São Paulo. Como é o da Paraíba ? Eu não me lembro.
- N.X. 29. João Pessoa ?
- O.L. Não, não. Foi depois ministro da Viação. É da Academia de Letras. Está hoje com noventa anos e ainda está firme.
- S.S. José Américo ?
- O.L. José Américo .
- N.X. José Américo.
- O.L. Agora, a Universidade Federal do Rio de Janeiro é giçan te, né ? Mas o rendimento dela é um dos piores que pod existir.

- N.X. O sr. acha que é o caso de criar uma Universidade por decreto ? Vamos criar uma Universidade sem ter verbas , sem ter local certo
- O.L. Mas quase todas no Brasil foram feitas assim.
- N.X. Como foi feita a Universidade do Brasil ? Como isso con tribuiu , negativa ou positivamente ?
- Tudo na vida tem uma barreira em potencial que tem O.L. ser vencida, desde que se vença com qualquer feitio, bem ou mal. Depois, se ela tem condições de vingar, ela vin ga. A necessidade é forçar, porque sem forçar o fica sempre crítico, fica tudo condicionado em Paris, em Londres, em Berlim e o resto do mundo seria deserto, do ponto de vista socialmente falando, economicamente falan do. Por exemplo, me recordo que, quando foram criadas as Universidade espalhadas no Brasil, eu, pessoalmente, acha va que eraj um absurdo, que devia se concentrar para ter professorado melhor. Hoje estou convencido que ela um beneficio, porque levou a cultura para o interior não tirou o pessoaldo interior, eles forçaram, por questão de honra, a criar e funciona. Quando eu visitei há pouco tempo a Faculdade de Medicina em Teresopolis, tive uma impressão otima, fizeram sem um tostão, sem nada, por aquele grupo de la mesmo. Apenas deu um ensino obje tivo, forte. Ela cobra mensalidades muito elevadas e tem

alunos muito bons. Estão lá muito bem. Essas universidades como a escola de

- S.S. Ribeirão Preto ?
- O.L. De Rio Claro, São Paulo, de Ribeirão Preto, São Carlos, Santa Maria, são de primeiríssima classe.
- N.X. Mas o que eu queria me referir era o caso específico da
 Universidade do Brasil. Já existia a Universidade do
 Distrito Federal criada pelo grupo de professores, pelo
 Anísio Teixeira, de repente ela corta, não é ? E aí é
 criada
- O.L. Mas aí é o seguinte, tem que ver que o Governo Federal não dá confiança, por princípio, a nada que é estadual, a nada que é municipal, isso é fatal. Qualquer funcioná rio federal se considera que está numa órbita acima do outro, ele não dá a menor confiança. Mas isso continuará sempre, se não é universal, que é possível que seja. Sem pre existiu e existirá, não resta a menor dúvida. Clara mente, eu acho que foi um crime não se aproveitar a Universidade do Distrito Federal.
- M.B. O Sr. diria, quer dizer, comparativamente com o trabalho que era desenvolvido na Politécnica ou com o trabalho que era desenvolvido no Museu Nacional, a Universidade do Distrito Federal teria condição de fazer um trabalho acadêmico sério, a longo prazo ?

- O.L. Muito melhor, extremamente melhor a sem recursos.
- M.B. Sem recursos ? Por que então ?
- O.L. Em primeiro lugar o estímulo, a gente foi buscar o me lhor. Em segundo, porque havia de fato a necessidade de fazer qualquer coisa melhor fora da Universidade burocrática. Todos sabiam que aquilo podia vingar e ninguém podia esperar que dessem um golpe assim de morte do Governo Federal.
- M.B. Durou quanto tempo a Universidade ?
- O.L. Pouco, não posso me recordar.
- M.B. Chegou a formar turmas ?
- O.L. Chegou. Eu acho que pelo menos uma turma. Mas é que ha via aquele espírito de Universidade que não há mais. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o pessoal quer ter diploma, quer ir o menos à aula possível, saber o menos possível e ter o diploma. Isto não é mentalidade u niversitária. Ninguém tem honra de pertencer à Universidade. Isso no interior é ao contrário, o pessoal tem prazer de estudar. É que essas escolas de Engenharia estão muito aí fora, não é ? Eu fiz palestras em uma porção das sas faculdades, o auditório era uma coisa impressionante de interessado.

- S.S. Esse fato de pessoas que se encontram informalmente, como no caso da Associação Brasileira de Educação, parecemuito importante, né? Cria um clima, uma nova mentalida de.
- O.L. Cria um clima, não é?
- M.B. Eu teria um caso. O sr. participou muito daquelas reu niões sexta-ferinas do Instituto Biológico ?
- O.L. O Instituto Biológico de São Paulo ou co Rio?
- M.B. De São Paulo.
- O.L. Hum, hum.
- M.B. Como é que elas eram ? Parece que eram interessantes.
- O.L. Otimas, fascinantes. Eram fascinantes.
- s.s. O Sr. poderia contar como era isso?
- O.L. Eu fazia conferência lá sobre Geologia, São Paulo.
- M.B. Dá para o sr. contar um pouco como era?
- O.L. Bom, eram reuniões onde cada um comunicava um assunto

qualquer e de uma maneira que interessasse a todos .

Então , ao invés de haver uma exibição, o sujeito mostrar que ele era um sábio, ele transmitia o que tinha estuda do e todos debatiam o assunto.

. .

- S.S. Quem eram ? Quem participava ? Que tipo de gente ? Eram professores da Universidade , do Instituto ?
- O.L. Era o pessoal do Instituto, que era gente muito escolhida. Primeiro era o...., deixa ver se eu me recordo o nome dele, Henrique
- M.B. Rocha Lima?
- O.L. Rocha Lima. Depois esse da Bahia
- M.B. Arthur Neiva?
- O.L. Arthur Neiva. Todos os dois foram notáveis.
- M.B. E mais outras pessoas?
- O.L. Mais havia, realmente. Todo grupo bom de São Paulo ia lá assistir.
- N.X. Eram , por exemplo, professores, pessoas de diversas <u>a</u>reas ?

- O.L. É diversas áreas. Predominava a Biologia, de fato, mas os outros eram convidados a assistir ou fazer palestras também .
- N.X. Sei.
- S.S. Isso era feito numa residência, em local próprio ?
- O.L. No próprio local, numa sala. Não tinha nada de especial, apenas tinha era espírito.
- N.X. Tinha gente de Física, gente de Química e do Rio também, como por exemplo o sr. ia de Geologia ?
- O.L. É . Aproveitavam quando alguém estava de passagem por lá.
- N.X. Aí convidam para participar. Havia o caso, por exemplo , deles aproveitarem somente a passagem ou tinha muita ligação entre Rio e São Paulo nessas reuniões ?
- O.L. Havia mais comunicação humana.
- N.X. É em termos humanos que eu estou falando, de pesquisado res mesmo.
- O.L. Eu me recordo, quando era assistente da Escola de Engenaria, que eu me comunicava com a turma toda, do Brasil

todo. Eu não acredito que hoje alguém faça isso, não

- S.S. Hoje é muito curioso, principalmente entre Rio e São Paulo, não se sabe um do outro, né?
- O.L. Acho que procuram se desconhecer.
- N.X. Em Geologia ocorre muito isso?
- O.L. Em todas as áreas.
- N.X. Em todas as areas ?
- M.B. Por exemplo, professor, no tempo do sr. no Museu Nacio nal havia um contato entre as diversas áreas, Botânica , Zoologia, etc ?
- O.L. Não.
- M.B. Não ? Em função de que ?
- O.L. Espírito de porco, claramente. Cada um desfazia uns dos .outros.
- M.B. Mas não havia umas conferências no Museu Nacional, em ce termina época ?

O.L. - Realmente havia, mas era muito fora de mão, porque foi na reforma do Museu.

M.B. - Nunca chegou a funcionar?

O.L. - Funcionou, sobretudo conferências para professores secundárias. Essa funcionava com aquela gente. Era muito excentrico o Museu, né?

M.B. - É?

O.L. - Hoje toda a gente tem automóvel, mas até prouco tempo não havia. Esse negócio de automóvel com financiamento é coisa muito recente. Havia rua, mas não automóvel, hoje há automóvel e não tem rua.

M.B. . Nunca se organizou lá nada que chegasse perto co que eram reuniões do Instituto Biológico, não ?

O.L. - Não.

M.B. - Nem internamente?

O.L. - Tudo no Brasil era obra individual. De mameira que o Neiva foi dos dois, mas não tinha ambiente no Museu. Es sas instituições antigas, tradicionais, herdaram muitos vícios que não conseguiam eliminar.

- M.B. De que tipo ?
- Pelzinho do professor Melo Leitão reclamando do diretor do Museu, que era Roberto Paes Leme, que nem os anais do Museu, nem o boletim publicavam, jamais, uma biografía de qualquer professor (a não ser nestes anos, dois ou três), nem dos diretores, nem nada. Não davam a entender a ninguém que aquelas pessoas passaram pelo Museu duran te toda sua vida e tudo assim e tudo continua tal e qual. Quer dizer, havia, claramente, o propósito de cada um desmanchar o outro. Se lermos José Bonifácio, aquelas críticas que ele fazia a Portugal, é exatamente a mesma coi sa. Quando o Brasil criou essa palavra de espírito de porco estava significando uma realidade brasileira. Infelizmente é. Não pelos índios, que não existe isso.
- N.X. Bem peculiar ao brasileiro. Agora, o sr.falou aí do documento do professor Melo Leitão, como é que o sr. teve acesso a ele ?
- O.L. Esse documento ?
- S.S. A pergunta é que o sr. deve manejar uma quantidade de documento incrível.
- O.L. Eu posso procurar se você quiser ver. Eu não sei code quardei ontem.

- N.X. O sr. tem muitos documentos, assim, preciosos ?
- O.L. Não. Não.
- N.X. Não ? Não é possível professor.
- O.L. Em todo caso eu tenho aí muito, um arquivo grande, real mento grande. Eu estou ficando de miolo mole, já não memorizo tudo. Mas documento mesmo, não. Em primeiro lu gar esses documentos ficam nas instituições, este do Melfo Leitão parou nas minhas mãos não sei como. Ficou...
- M.B. Professor, em relação ...
- O.L. Teve uma ocasião que eu fiz barulho no mesmo sentido
- M.B. Em relação a esse problema de intercâmbio, nos estávamos vendo que o sr. participou de uma série de congressos , não só na área de Geologia, mas também Física,Química , Antropologia, etc. Como é que era ? Como o sr. participa va deles ? Como é que era a participação do Brasil nes tes congressos ? Que tipo de coisa que se
- O.L. De modo geral, nesse congressos há uma delegação oficial, de modo que, numa delegação oficial, vai quem participa da panelinha, né? Pode ser gente ótima e pode ser gente pessima. Por exemplo, eu estava contando, acho que

foi da outra vez, que a Camagie e o Instituto Internacio nal de Educação, convidou um grupo de brasileiros visitar as universidades americanas, isto foi em 1929 Como dirigia esse setor de Ensino Superior da ção Brasileira de Educação, eu fui. Era chefiada por Carlos Delgado de Carvalho, que foi quem conseguiu esse oferecimento da Camagie. Do Ensino Superior fui eu o professor Couto e Silva, que foi da Faculdade de Medici na, que depois teve uma trombose, está já aposentado muito tempo, um sujeito de grande talento. Foi a Laura Ja obima Lacombe, do Ensino Secundário, uma professora de São Paulo, chamada Noemi Silveira, que era de Psicologia, era assistente do Lourenço Filho e foram duas indicadas pelo governo de São Paulo. Uma foi parar na cadeia e outra no hospício. Quer dizer, gente ótima e gente péssi ma . As indicadas pelo Governo eram pessimas. Isso é ine vitável. A vida inteira, para viajar, eu torrava tostoezinhos, pedia dinheiro emprestado a todo mundo viajava e depois ia pagando aos poucos, porque Geologia sem viajar é impossível.

N.X. - Esses congressos eram de nível internacional ? Por exem

.plo, esse de 1929, vários outros que nós vimos que o

sr. participou e o que num congresso de Antropologia o

sr. foi representando

O.L. - Não. Fui por conta própria.

N.X. - Por conta própria ? Como ?

O.L. -

Eu sempre gostei de cultura geral, não é? Em Natural, tanto faz Ciências Humanas, quanto Ciências Fi sicas e Matemática. Você vê, a Geologia é ligada profun damente à Zoologia, por sua vez à Antropologia, inclusive tem o fossil humano, né ? Eu aqui no Rio sempre me habi tuei a assistir todas as conferências. Por exemplo, Roquete Pinto sobre Antropologia, nunca perdi uma, André Lefrie em São Paulo, senpre me deu muita curiosi dade. Quando vinham esses estrangeiros todos ilustres , não sei porque, eu sempre acompanhava, sempre, sempre Por exemplo. o Paul Rivet, diretor do Museu do Homem, foi um dos mais notáveis antropólogos da França, foi levado para visitar os sambaquis. Trocava idéias com eles, fica va entusiasmado com essas coisas todas.... naturais que estão estratificados e os montes de ostras em cima de pe dras, etc. como material arqueológico, que só podia ser construído pelos homens, mas a maioria das pessoas, que não tem alma de geólogo, não distinguia. O próprio Bā coiser quis provar que esses sambaquis todos aí do Dis trito Federal eram sambaquis naturais, onde um sujeito estava no rio de canoa, a canoa furou, afundou e ele fi cou la embaixo. Quer dizer, não tem a menor noção æ uma coisa feita pelo homem e de uma coisa feita pela na tureza.

- O.L. Everando

 Bacciser. É o exemplo de que o negócio não é fá

 cil. Agora, então, por exemplo fui com opara com

 provar o que eu tinha escrito. Sempre tive muito medo

 do que escrevia.
- N.X. O sr. escreveu Nos não chegamos a conheceres se artigo.
- O.L. Então, um nome assim "Conchinhas Naturais e Sambaquis".
- S.S. Voltando para uma época mais recente, o
- O.L. Mas isto tuco eu fazia mais de atividade aqui mesmo, naca de especial, era um divertimento.
- S.S. Eu estou pensando na época em que o sr.mencionou a imã do Álvaro Alberto. Mais tarde, o Álvaro Alberto é a pessoa que cria o Conselho Nacional de Pesquisas que aparen temente estava muito preocupado com a área de política atômica, etc. Nessa época também devia ter uma séria preocupação com a área de Geologia, em geral, que devia ter tomado impulso. A minha pergunta é um pouco o papel do Conselho na época do Álvaro Alberto em relação à Geologia no país, se aumentou a parte de pesquisas, se houve um impulso em relação a isso, como é que o sr.vê isso ?
- 0.L. Eu vou voltar a história um bocadinho mais atras para po

der Quando eu estava no Museu Nacional, uma vez me apareceu lá um rapaz dizendo que era oficial do Exercito, me deu um nome, que eu não prestei atenção e que ria tomar aulas de Geologia, Eu disse: "Ora, com prazer, estou sempre aqui, pode vir aqui quando quiser ".Ele foi lá uma porção de vezes e tudo que eu podia ensinar a ele eu ensinei.

Um pouco mais tarde, minha mulher recebe um telefonema a qui em casa, era do Chefe do Gabinete Civil da Presidên cia da República pedindo para eu passar lá no do Catete. Era no tempo do Presidente Dutra. Quando recebi o recado, fiquei convencido que era trote, porque tinha uns amigos que faziam, mas acabei indo la no Pa. lácio do Catete. Então, fui indicado pelo, nessa ão , Cel. Ulhoa Cintra, que era o enteado do Presidente Dutra, era o filho de Da. Santina. ... minerais cos no Brasil . O chefe do ... , isso tinha que no Conselho de Segurança Nacional e o Secretário Geral e ra o General, o nome dele é dessa praça aqui embai xo, não me recordo agora. Foi o nome dessa rua, depois mu dou, ficou naquela praça. Morreu muito cedo e me nomeou para essa comissão. O nome dado: Comissão de Estudos de Minerais Estratégicos, porque não queríamos botar o no me energia atômica, porque estava muito na ordem do dia e podia criar problemas. Pediu para indicar os nomes, eu indiquei o General Belanmino de Matos, que era meu OT: panheiro no Conselho de Metarlugia, engenheiro militar, brilhantissimo, pai desse Haroldo Coreia de Matos, que é presidente da EMBRATEL ; o Costa Ribeiro que era profes sor de Física da Faculdade de Filosofia; o Marcelo Damy de Sousa Santos, que era chefe do Instituto de Física lá de São Paulo, que era o melhor em Física Atômica, aluno do Gleb Wataghin e pegamos um da Marinha, pedimos à rinha que indicasse o nome e ficou essa Comissão. Quando Alvaro Alberto veio dos Estados Unidos, com mania tenta de criar o Programa de Energia Atômica, nós estávamos lá no Conselho de Segurança com a proposta dele de criar uma Comissão de Energia Atômica. Falamos com o Secretário Ge ral do Conselho de Segurança para convidar o Almirante Alvaro Alberto, então o Gal. Belarmino convidou do que se convidando Álvaro Alberto Alvaro Alberto mais graduado, que o Belarmino ainda não era General Alvaro Alberto já era Almirante a presicência da Comis são tinha que ser automaticamente passada para o Almiran te, mas o Álvaro Alberto não quis, quis fazer o negócio a moda dele. Então criou, mas criou de maneira muito pessoal, extremamente individual, sujeito brilhantissi .mo e pai da criação do Conselho de Pesquisas, mas foi uma obra profundamente individualista. Não posso falar to, essas coisas são muito recentes para se falar. Eu era muito amigo dele, inclusive quem me botou na

de Ciências foi ele. Ele sempre me recordava, mas era aquele individualismo característico do Brasil. Não diço que seja um mal maior, porque o individualismo, as vezes cria, as vezes faz...., é criador, mas é falta de am biente cultural e democrático, não é?

- M.B. Professor, essa Comissão estudaria uma política em rela ção a minerais estratégicos ? O sr. acredita que teria sido diferente ?
- O.L. Eu posso conversar, mas registrar não posso.
- s.s. Então, vamos parar e continuarmos conversando
- O.L. Era só para atender.
- N.X. Uma pauta, né?
- Eu acho que um aspecto que a gente podia, talvez, reto mar é o seguinte : de qualquer maneira a Geologia se transformou num assunto assim de necessidade, é, enfim, de necessidade econômica, não é ? Desde o começo com . Surveys geológicos, mais tarde com a política de mine rais estratégicos, etc. e isso, aparentemente
- O.L. Os estadistas, toĉos, sempre botar‡am isso em evidência.
- 6.5. Hum, hum.

O.L. -

Por exemplo, já no tempo do Império, não no tempo da Fe pública, o João Pandiá Calógeras, que publicou aquele "As Minas do Brasil", em três volumes, insiste muito sobre a necessidade econômica do desenvolvimento da mineração Depois temos aí Cincinato Braga, Pires do Rio, mas os po liticos, de modo geral, não eram estadistas, eram advoca dos muito inteligentes, muito vivos, mas faltava parte de substrato econômico, porque a carreira de econo mista é muito recente e esses diretores da Produção Mine ral, como o e o Gonzaga de Campos procuravam influenciar, mas tinham porque, em geral o entista é muito tímido. Eu mesmo descambei para a Geolo gia, porque achei que na Geologia, me transfor mo em geólogo e vou continuando minha carreira de nheiro, essas coisas todas. A mineração tinha menos..... interesse e julguei que a mineração baseava-se na logia, quanço os engenheiros de Minas não estão fazendo Geologia, estão querendo fazer mineração sem passar pela fase da Geologia. Daí sempre a minha ideia de provocar a criação desses cursos de Geologia que foram muito dios. Curioso é que foi um médico, com senso de estadis . ta, o Clóvis Salgado, que inventou-os.

S.S. - E hoje o que existe no Brasil é um resultado do trabalho do Clóvis Salgado ?

O.L. - Hoje tem quinze escolas de Geologia que produziram, nes ses anos de 60 a 76, dezesseis anos, três mil e tantos geólogos e todos eles ganham mais de Cr\$ 10.000,00 para início de carreira. Na ocasião que ele criou, se perguntava quantos geólogos o Brasil precisava, não se conseguia botar vinte ou trinta que dissesse que precisava.

S.S. - Quem é que está empregando esses geólogos, hoje em dia ?

O.L. - Os maiores são: Petrobrás e a Companhia de Recursos e Pesquisas Minerais. Existem todas as companhias particulares, porque o geólogo é pioneiro, ele abre, ele faz a pesquisa antes. Hoje, todas essas grandes companhias de mineração do mundo tem geólogos no Brasil pesquisando para ver se encontram qualquer coisa, onde eles vão investir. Antigamente os geólogos vinham de fora.

M.B. - O sr. trabalhou em algumas dessas companhias ?

O.L. - Trabalhei. Justamente o que fazem essas companhias é o oposto do que faz o Governo, cada uma com um defeito diferente. A companhia particular faz bem feito aquelas coisas todas, faz, pega um relatório e bota na gaveta.

O Governo faz uma pesquisa má, publica e é útil. Por exem plo, a companhia particular que pega trabalhos preciosos e engaveta é um crime contra a humanidade porque obriga a segunda a gastar inutilmente para a mesma coisa. Não se consegue que uma companhia dessas divulgue, não se consegue, é contra a religião.

- S.S. Quando o sr. trabalha numa companhia privada, o sr. fica preso a uma espécie de?
- O.L. É uma questão de ética.
- S.S. Ética.
- O.L. O que eu faço lá não posso contar.
- S.S. É deles, o serviço que eles compraram.
- O.L. A não ser uma coisa assim, pode-se dizer, de conselho de segurança, essas coisas a gente tem que
- S.S. Certo.
- O.L. Tem que se abrir, né?
- S.S. Mas é um trabalho profissional para uma companhia, o resultado é deles.
- O.L. Mas muito poucos fazem dos dois lados. Eu por acaso fiz sempre dos dois lados.
- S.S. Isso não criava problemas de consciência, por exemplo ?
- O.L. Não, porque eu era exageradamente conscencioso dos dois lados.

M.B. - O sr. participou daquela Missão Abbink-Bulhões também , não ?

O.L. - Também.

M.B. - Como é que foi aquilo ?

Aquilo foi muito interessante. O Brasil não tinha plane O.L. jamento nenhum e qual era o ministro ? Era o Correia da Costa, né ? Acho que foi o Correia da Costa que articulou essa vinda do Abbink e colocou em pé de igualdade com o grupo do Bulhões. Essa Comissão, que era bastante de, estudou todos os setores das coisas que os nos necessitavam do Brasil e o Brasil dos Estados Unidos e que podiam colaborar uns com os outros, mas ai verifi camos que não havia muito entendimento no sentido de que os americanos sempre consideraram o Brasil uma colônia e não achavam, não podiam admitir que o Brasil quisesse, por exemplo, enviar o mineral estratégico, a não ser pelo preço de competição comercial. Eu me recordo ber. que falamos com o próprio Abbink que insistia que o Bra sil tinha reservas imensas de manganês e nos Estados U nidos o manganês era o mineral estratégico mais importan te para a guerra americana, que o manganês é savel na transformação do ferro guza em aço, porque ele

evita a oxidação do aço, e que o Brasil estava com as minas mais ou menos paradas. Então, relembrei o caso de que a United State Still teve aqui um depósito que era mina cativa no morro da Mina em Minas Gerais, perto de Lafayette, de manganês e teve aqui um depósito enorme de minério de manganês no porto do Rio de Janeiro, estoca do durante quinze anos, sem exportar, porque o no comprava mais barato da Rússia. Então dizia: "O so não está vendenão o manganês para os EUA, o russo es tá comprando o dolar americano. Ele tinha jazidas veis, ele está querendo comprar divisas e os estão entrando no joquinho deles." Mas não houve meio de convence-lo a comprar algum manganés e isto continua até hoje. Agora mesmo quando a Alemanha cedeu ao Brasil esse know-how sobre energia atômica, os americanos estão gritando até hoje. Quem gosta do Brasil é a gente mesmo. Agora, a gente não pode prescindir dessa colaboração po lítica dos dois países , sobretudo dos Estados Unides que é um dos maiores, mais fortes, e da colaboração cas transnacionais, senão o Brasil não sai desse buraco. Sem filé mignon essas coisas todas, depois a gente deles. Como todas as indústrias, você lembra, agora tem . a última da FIAT, também uma indústria gigantesca vai fazer concorrência às outras. O problema do Brasil é jogar uma contra as outras. Por exemplo, as de automóveis americanas não quiseram vir ao Brasil. fiz parte de um grupo, lá nos Estados Unidos, antes da guerra, que lutamos loucamente para conseguir que uma companhia viesse fazer carros aqui, pioneiros no Brasile não consegui, depois que vieram as alemães-Volkswagen.

FINAL DA FITA 1 - B

O.L. -

Mas o que se notava nessas discussões todas era a falta de conhecimento científico e técnico dos brasileiros, po lo pouco acesso ao estrangeiro. Isto não existe hoje, de maneira que hoje é mais difícil de compreender. Eram ra rissimos os professores que recebiam convites para poder ir ao estrangeiro. Tinha o Miguel Osório, mas era a exce ção entre as exceções. Hoje qualquer gato pingado conse que uma bolsa da CAPES, do Conselho de Pesquisa, etc. ou do estrangeiro mesmo, para ir para o estrangeiro.0 selho de Pesquisa acabou de publicar agora um volume gros so sobre os químicos do Brasil. É um volume dessa grossu ra. A quantidade de jovens químicos que têm o doutorado lá fora é uma coisa imensa, inacreditável. Na minha gera ção, tinha dois ou três doutores em Química. O mudou de escala por completo, mas essa organização cien tífica toda não existia e agoravessa transformação final do Conselho de Pesquisa é que está havendo uma organiza ção, esse Conselho novo de Ciências e tecnologia, Conse lho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Havia o Conselho de Pesquisas antigo que cava bolsas

foi extremamente eficaz, dava bem e mal, mas dava aos bons, em geral. Então foi o primeiro passo, agora não, está se articulando todo um programa de pesquisa, mas é uma coisa que ainda está muito no começo, não é?

- S.S. Uma coisa que surge como tema muitas vezes, nessa área sobre a ciência e a tecnologia, é precisamente a questão do planejamento da pesquisa científica. Principalmente da área de São Paulo vem sempre a crítica de que na realida de não se pode planejar, na realidade a pretensão do Conselho de ter uma política de planejamento da ciência é uma coisa burocrática que impede o desenvolvimento realida coisa, das áreas.
- O.L. Há uma fase em toda vida humana em que tudo é improvisação é individualismo. Há uma segunda fase em que a plani
 ficação tem que ser feita em todos os setores. Por que
 se projeta a ciência de guerra e não se projeta a Ciência civil ?
- S.S. A Ciência?
- O.L. De guerra, né?
- S.S. De guerra. A melhor resposta seria que a de guerra é mais uma tecnologia do que uma ciência.

O.L. - Não, é a própria ciência. No caso da energia atômica , a energia atômica se desenvolveu premida pela guerra .

Quer dizer, foi o Fermi, baseado no Einstein, que mos trou que a energia atômica era viável. Ele fez uma con ferência quando passou aqui no Rio, poucos anos antes da bomba atômica.

S.S. - Fermi?

O.L. - É, Enrico Fermi, italiano. Quando ele fez essa conferên

na Academia de Ciências do Rio de Janeiro, ninguém, nin

guém sem exceção, acreditou que a energia atômica fosse

para nossos filhos ou para nossos netos. Os Estados Unidos obrigaram-no a fazer a bomba atômica, pois souberam que os alemães estavam desenvolvendo. O Einstein foi ac

Trumman e fizeram aquele projeto Manhattan que deu origem a bomba atômica. Foi tudo praticamente sem tecnolo

gia, passou sem aquela fase intermediária. Antigamente

se descobria um troço qualquer, esperava que aquilo

caísse no comínio dos cientistas, depois, quase que cin

quenta anos depois, é que se aproveitava. Agora é logo .

O caso do laser, por exemplo, da descoberta do laser à aplicação do laser são poucos anos. De maneira que o mun

do todo mudou, mudou de velocidade, de aceleração. Esta

mos assistindo essas mudanças todos os dias, a tal pon

to que a gente não pode prever o que vai acontecer em

estruturação, em qualquer coisa. O fato é que, atualmente,

com a mecanização, a automoção, a transistorização, a computarização, o homem tem recursos de fazer essas ∞ i sas todas rapidamente e transmitir aos cientistas o que ele demprava a vida inteira para procurar nesses anuá rios, nessas coisas todas, uma notinha de informação de. biblioteca para poder conseguir outra. No meu tempo era alguém que ia para a Europa, que ia procurar lá numa bi blioteca um troço para poder copiar à mão. Depois apa receu a foto como é?

S.S. - Fotocopia.

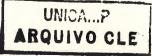
O.L. -

É. Hoje com o xerox. O xerox fez uma coisa fantástica. Hoje com tudo computarizado, o sujeito pega aquilo num estantinho e obtém a informação que quer. Forçosamente, esse tipo dá muito mais conta do que deu nossa geração, apenas nos fomos mais individualistas, mais fortes, com uma atuação política maior, eles ficam, mais aí tem que ser criados os estadistas dentro disso. Então, uma direção de uma instituição científica tem que ser sempre de um estadista, ele pode ser cientista e podenão ser cientista. A instituição de ensino pode ser gerada no computador, tem que haver criação. Eu tenho a impressão que esse trabalho, sobretudo o que o Pelúcio está fazen do lá no Conselho de Pesquisa, vai ter resultados fantás ticos. Eu não acreditei no começo, não. Custei muito a me convencer. Hoje me rendo a evidência que eles tem re

zão de planejamento, sabe ? Era muito cedo, mas não po de perder um minuto. É para dar prioridade. Por que que em determinado momento a gente verifica que o gado lei teiro holandes cresce muito mais nos pastos ruins, não pode ser criado a solta, etc e tal, e se importam os bus da Índia e depois o Banco do Brasil passa a ciar zebu, como se zebu fosse feito de ouro, Milhares de contos num zebu quando um professor ganha uma miséria ? Todas são necessidades, e então, examinando as necessida des, o Governo está sendo forçado a procurar os melhores elementos no setor, onde ele existir, no país ou do país. Há pessoas que fazem pessoalmente, o caso do Pe lúcio é um. Se você chegar a ele pessoalmente e que tem um fulano de tal que precisa vir ao Brasil isso, aquilo ou aquilo outro, ele vai, pessoalmente, ∞ n seguir pela FINEP ou por quem quer que seja, trazer es se homem. Mas de um modo geral, um ministro não sabe fa zer isso, não pode fazer isso, porque não tem essa or ganização. Hoje, através do Conselho de Pesquisa, teorica mente é possível e deve ser possível.

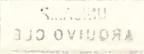
- S.S. E na prática é bastante.
- O.L. Então, essa turma toda moderna já não é mais individualis ta, é a instituição que faz. Esses apanhados já são mui to impessoais, completamente impessoais e muito bem feitos. Eu ainda não estou habituado, não sei como se faz.

- S.S. Bem, mas eu acho que essa é uma questão difícil, né? Çuer dizer , quanto do individualismo deve permanecer ?
- O.L. Não. O poder criativo do indivíduo, este tem sempre que ser aproveitado. Pode-se dizer, ainda que uma centelha, é a centelha mesmo. A Engenharia-Cenética mostra, todo código genético, o sujeito vem, de repente o negócio está mal, esse não pode deixar de ser aproveitado, mas se aproveitava muito mal no passado. Me recordo dos meus colegas mais, aparentemente mais, notáveis, que mais podiam produzir, nunca deram nada, porque esbarravam em qual quer obstáculo na vida.
- M.B. Professor, voltando um pouquinho lá na Missão Abbink Bulhões. Como é que foram chamadas as pessoas para par ticipar dela, o sr. tem idéia ?
- O.L. Não tenho idéia, nem no meu caso, também não sei.
- M.B. O sr. não sabe, não ?
- O.L. Não sei se alguém me sugeriu, devem ter sugerido. Sempre nessas coisas tem alguem, não me meto nisso. Eu me recordo, por exemplo, quando Juarez foi ministro. Juarez foi meu coleça de turma, depois ele largou a Escola de Engenharia, foi para a Escola Militar, depois voltou para



terminar o curso na Engenharia. Foi meu alumo, depois era meu ministro. Eu me recordo que, uma ocasião, o ministro me chamou e pediu para eu dar uns palpites para ele de uns nomes para Diretor Geral da Produção Mineral. Su geri o Fleury da Rocha, que foi diretor da Escola de Minas de Ouro Preto e, na hora de fazer o decreto, eu não sabia até o nome completo dele. Uns indicam por ser me lhor, outros indicam por ser mais amigo. É muito difícil, né?

- M.B. Agora, como é que o sr. vê a participação do sr. neste tipo de atividade, que seria uma atividade mais política e que, às vezes, é vista pelos cientistas
- 0.L. Não minha filha. Sou político aparentemente, mas eu sou apolítico, sou contrário à política, eu detesto política.
- M.B. Sim, sim, mas eu digo o seguinte: as vezes os cientistas acham que estão um pouco sujando as mãos quando fazem esse tipo de coisa. Quer dizer, como é que o sr. se vê em relação a esse tipo de problema ou como é que o sr. vê a opinião desses cientistas ?
- O.L. Eu, de modo geral, apanho de todos os lados.
- S.S. O sr. apanha de todos os lados?



- M.B. O sr. apanha de todos os lados ?
- O.L. Sempre apanhei sistematicamente . O cientista acha que deve fazer só ciência isolada, não deve fazer política .
- M.B. Pois, é o que o sr. acha, então, que seria mais enrique cedor ?
- S.S. Por que o sr. apanha de todos os lados ?
- M.B. É.
- É muito simples. É porque eu sempre quero... É O.L. minha idéia que o pensamento do Brasil Em primeiro lugar, acho que gente no caso de botar a mão política que ser o melhor e não o que é mais antigo; tem que ser o melhor do país e não porque é carioca, tem que ser o melhor estrangeiro de outro país, porque aqui no Brasil não tem, então sempre procurando uma coisa dessas que interfere num interesse qualquer. Se o ministro faz uma bestéira qualquer, eu sou muito amigo dele e digo não é uma besteira. Nunca pude me esquecer quando o Jus celino foi eleito Governador de Minas. Eu fui almoçar la com ele e com um grupo da Manesmann, da qual eu era dire tor, e com esse comandante Paquet que ele chamaria pois. Então, na vista do Paquet, eu fui de uma indiscrição, eu disse assim: "Mas Juscelino, você escolheu o pior so cretariado possível". Está gravando?

٠.

S.S. - Posso desgravar.

N.X. - Professor, voltando um pouquinho atras

O.L. - Um segundinho.